



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

**CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LEDA LUCIA GARCIA ROSA REBELLO

**O CORPO E A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA:
UM PERCURSO EM DIREÇÃO À SINGULARIDADE.**

Niterói, 2008

LEDA LUCIA GARCIA ROSA REBELLO

**O CORPO E A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA:
UM PERCURSO EM DIREÇÃO A SINGULARIDADE.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Estudos da Subjetividade. Orientador: Cristina Mair Barros Rauter.

Niterói, 2008

LEDA LUCIA GARCIA ROSA REBELLO

**O CORPO E A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA:
UM PERCURSO EM DIREÇÃO A SINGULARIDADE.**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Estudos da Subjetividade.

Niterói, de Agosto de 2008.

Cristina Mair Barros Rauter

Coordenador

Cristina Mair Barros Rauter.

Orientador

Silvia Tedesco

Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense

Regina Neri

Universidade Cândido Mendes

Para Walter Mallet Jr. (in memorian)

Agradecimentos

A querida amiga Aline Nascimento, pelo carinho, incentivo e auxílio na caminhada em direção ao Mestrado.

A Cristina Rauter, pela beleza do seu caráter, por sua simplicidade, acolhida e delicada orientação. Um dos mais belos encontros que esta caminhada me proporcionou.

A Regina Néri, pela valorização da força afirmativa da vida, a despeito dos tropeços do caminho. Outro belo encontro.

A Silvia Tedesco pela gentileza de sua participação e todas as suas valiosas intervenções.

A Marisa Speranza, por tudo que me ensinou nestes ofícios de con-viver e clinicar.

A Emmanuel Rosa, por me auxiliar chegar até aqui.

A todos os professores do Corpo Docente do Mestrado da UFF, pela forte influência e admiração que permeia meus caminhos.

A minha amiga querida, Wilma Rivetti pela presença que enche de luz os dias mais escuros e compartilha os dias plenos de alegria.

A minha filha Alice, que com sua insistente alegria de viver me convida sempre a perseverar, com todo meu amor.

Resumo

Não há um sentido comum para o que é o corpo, nem para o que é adoecer, tampouco para o que seria um modelo de saúde. Ao percorrermos a história, a filosofia e a construção dos modos de subjetivação que nos atravessam, percebemos que assim como estes, também a construção dos corpos e saberes foram se constituindo e amalgamando, poder e resistência vieram tecendo no corpo suas tramas. Compreendemos então o corpo como uma encruzilhada da moral e da liberdade, morada dos afetos e razões que espelha em suas marcas a disciplina, a violência, a sexualidade, a dor, a vida e a arte. Partimos de uma perspectiva reichiana, compreendendo que este corpo não pode ser concebido desligado da história e dos aspectos sociais, o que nos acrescenta fortes subsídios para uma clínica que o vislumbre como mais uma via de acesso, não menos importante que a linguagem, a um percurso que nos conduza a processos de singularização. Nossa proposta é pensar como potencializar uma clínica transdisciplinar com a inserção do corpo no setting analítico, numa releitura de algumas proposições reichianas que não se ocupem apenas das origens e da interpretação, mas de uma cartografia, numa permanente construção de sua técnica, explorando e criando novos territórios existenciais. Rastrear no corpo uma história cuja temporalidade se situa além da rememoração, numa abertura de sentidos, condutora de novos acontecimentos, poderia ser o percurso da clínica.

Palavras-chave: Psicologia, Corpo, Clínica, Reich.

SUMÁRIO

	Introdução	15
1-	Reich	21
1.1-	Uma breve biografia.....	22
1.2-	Courosa Muscular.....	31
1.2.1-	Courosa e memória inscrita no corpo.....	44
1.3-	Caráter.....	51
1.4-	Peste ou Praga Emocional.....	55
1.5-	Potência Orgástica.....	57
1.6-	Contato.....	59
1.7-	Auto regulagem.....	64
2-	Corpo, Arte e Clínica	66
		81
	Considerações finais	
	Referências Bibliográficas	85

INTRODUÇÃO

Amor, trabalho e conhecimento são as fontes de nossa vida. Deveriam também governá-la. Wilhelm Reich

Trilhando passos firmes no desejo de clinicar, nos deparamos constantemente com corpos vivos, intensos e múltiplos. Ao ouvi-los, assim também como ao meu próprio corpo na amplitude da relação terapêutica, trago comigo uma força que está permanentemente implícita nas palavras de Reich, força que implica em vida, potência, desejo, criação e numa insistência obstinada no caminho em direção à invenção de novas formas de vida, como expressão de resistência a todas as formas estereotipadas e aprisionadas de ser, sentir e estar no mundo.

Ao tentar explicitar o que construiu este percurso, neste momento em que problematizamos a abordagem reichiana do corpo na clínica, nos deparamos com as forças afirmativas de sua teoria, prática e história.

Parece fundamental compreender que, assim como a própria teoria reichiana, o corpo não pode ser concebido desligado da história e dos aspectos sociais. Tal compreensão nos acrescenta fortes subsídios para uma clínica que o vislumbre como mais uma via de acesso, não menos importante que a linguagem, a um percurso que nos conduza a processos de singularização entendidos aqui como aquilo que escapa a um modelo previamente dado. Afinal, pensar em processos pressupõe romper com a idéia de imutabilidade.

Propomos então uma “clínica transdisciplinar” (BENEVIDES e PASSOS, 2000)¹, que não se ocupe do passado e da interpretação, mas de uma cartografia², numa permanente

¹ Por ora podemos dizer que o termo *clínica transdisciplinar* nos remete a pensar uma clínica que não se fecha em um campo disciplinar, tal como a aposta sugerida por Benevides e Passos no artigo intitulado “*A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade*”. Os desdobramentos desta concepção serão discutidos no transcorrer desta dissertação.

² A cartografia é um método formulado por G. Deleuze e F. Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. Maiores

construção de sua técnica, explorando, criando novos territórios existenciais e rastreando, também no corpo, uma história cuja temporalidade se situa para além da rememoração, lá numa abertura de sentidos condutora de novos acontecimentos.

A frase despretensiosa cuja citação inicia este texto carrega em si a essência da proposição reichiana e traz implícita de forma simples e direta como ele mesmo, a pergunta crucial - o que ou quem nos governa?

Atravessados que somos por forças pulsionais e pelos dispositivos da sexualidade no jogo de forças que nos constitui num entrecruzamento de planos, seria pertinente questionarmos se este algo que nos governa é localizável, seja no plano das representações, das intensidades ou dos discursos. Ao pensar mente e corpo como uma unidade funcional, Reich transita por um pensamento que na atualidade pode se aproximar das discussões propostas pela leitura de Deleuze sobre Espinosa que trazem a impossibilidade de cisão entre corpo e espírito, mente e corpo que é justamente o ponto de partida de onde formulamos agora um lugar clínico, onde todas as malhas desta rede infinita de mesclas e sentidos nos interessam.

Segundo Deleuze (2002, p. 24), umas das mais importantes contribuições de Espinosa consiste não apenas em negar qualquer ligação de causalidade real entre espírito e corpo, mas na recusa toda eminência de um sobre o outro. Ele recusa qualquer superioridade do corpo sobre a alma. Segundo a Ética o que é ação na alma é necessariamente no corpo, o que é paixão no corpo é por sua vez necessariamente paixão na alma, não podendo ser concebidos de forma desarticulada.

Que corpo é esse? Como concebê-lo?

Muitas concepções acerca da idéia de corpo auxiliam a construção de uma clínica contemporânea que seja capaz de produzir uma ação possível, geradora de atos inéditos, e muitas delas são perfeitamente capazes de instrumentalizar-nos para novas intervenções.

As pesquisas e trabalhos corporais, técnicas advindas de estudos que se desenvolveram a partir de Reich, tais como a bioenergética de Alexander Lowen, Feldenkreiss, Eutonia, Biodinâmica, trabalhos de sensibilização corporal e ainda aquelas que se aproximam da arte como as intervenções produzidas a partir da experiência de Lygia Clark, a dança contemporânea, a expressão corporal e a teatral, nos mostram o quão poderosas são as intervenções no corpo e o quanto são potencializadoras, senão de transformações, ao menos de desvios capazes de gerar novos modos de subjetivação a partir da experiência corporal.

Partindo de Reich e pensando também nas contribuições destas práticas, verificamos que algo se produz em dimensões nas quais a palavra isolada não tem alcance, funcionando como poderosas aliadas naqueles trabalhos que visam distanciar-se da racionalização excessiva que estanca o processo analítico ou das técnicas que ao incluir a linguagem excluem o corpo.

São muitos os corpos que surgem na cena analítica, muitas vezes aquele que adoece de algo que a palavra não pôde simbolizar ou o que padece daquilo que transbordou e se tornou visível, nos mostrando algo que não obedece a uma lógica representacional e sim a múltiplas expressões de sentidos. Este transbordamento que salta aos olhos na clínica nos chega tanto na escassez como nos excessos, nos gestos que legendam falas enigmáticas e nos sorrisos falsamente forjados nos rostos inexpressivos escamoteando dores. Chegam-nos corpos histéricos, conversivos, corpos somatizantes e também os estigmatizados, corpos de posturas cristalizadas em vivências infantis, corpos presos num congelamento do tempo. Chegam também corpos rígidos, endurecidos pelo controle excessivo e pela defesa de suas emoções mais espontâneas. Todos eles, feixes de sensações com suas modulações e intensidades,

tornam visível o esforço em fugir da dor e do sofrimento, seja pela criatividade ou pela defesa. Sofrimento ora sintomático, ora inerente à vida, com o qual todos nós, imersos na condição humana, nos deparamos com frequência e do qual o lugar legitimado como analistas não nos isenta nem protege.

Navegando nos mesmos mares, afetando e sendo permanentemente afetados neste encontro entre corpos que se dá na cena analítica, é inevitável que nossas perguntas se multipliquem. Constatamos que a subjetividade é mais ainda que este corpo, lugar onde tudo se mescla e inclui como num amálgama. Torna-se evidente que nos encontramos lá onde não é possível separar linguagem, corpo e inconsciente, já que residem num espaço onde tudo se interpõe e multiplica.

Deleuze (2006, p. 86 e 87), nos mostra que não existem coisas nem espíritos, apenas corpos, já que estes são em si mesmos linguagem, tudo é implicado, signo, sentido e essência, “todo sintoma é palavra, mas antes de tudo, todas as palavras são sintomas (...)”, a linguagem é sempre a dos corpos, porque nele tudo se reúne, expressa, contém e está contido.

Aquilo que é sentido e vivenciado no corpo se desdobra e reverbera de forma intensa, nos mostrando que o corpo, na verdade, não é isto ou aquilo, mas isto e aquilo e muitas outras tantas infinitas possibilidades, com vários sentidos e modos acontecendo de forma articulada ou simultânea, desarticulada ou descadenciada, independente ou paralela, similar ou oposta, e todas estas coisas o tempo todo e simultaneamente, num jogo de forças que atravessa todos os planos da existência e modos de subjetivação.

Suely Rolnik (1989), numa perspectiva deleuziana do inconsciente como produção, diz que a realidade é compreendida a partir do funcionamento de dois planos inconciliáveis e indissociáveis, chamados pelo autor de molar e molecular³ onde tudo se interpõe, está em toda

³ Rolnik (1989, p. 59), define estes planos como “duas formas de individuação, duas espécies de multiplicidades,(...) duas políticas”. Com isto, o que pretende apontar é que o plano molar seria aquele que é formado a partir dos processos constituídos, isto é, daquilo que se mostra já dado, visível, chamado por Deleuze de plano da segmentaridade dura, encontrado, por exemplo, na família, na escola, no trabalho, na profissão, em

parte e não mais em um lugar específico onde se busca uma causa ou origem. Isso permite então à clínica dialogar com a filosofia, enriquecendo e multiplicando suas possibilidades de desvios, uma vez que já não nos aprisionamos a efeitos predeterminados ou em estruturas determinantes.

O corpo também se apresenta como movimento expressivo, onde aquilo que dele irrompe pode produzir certo grau de liberdade, como um intervalo de movimento, indeterminado em relação ao movimento anterior.

Esta imprevisibilidade, capaz de produzir uma descontinuidade, produz, como numa abertura, um corte do movimento repetitivo, gerando o aparecimento de uma nova ação, que nos remete a uma nova perspectiva do tempo.

Torna-se necessário, então, pensar de que maneira podemos afirmar o corpo como espaço de vida e não como algo a ser negado, contido e controlado, como numa perspectiva tradicional do pensamento ocidental, onde o corpo é abordado como porta voz do negativo em nós e a dor como algo a ser anestesiado, por meio da ilusão de controle sobre a vida e da possibilidade de afastar o sofrimento.

Ao romper esta perspectiva, a clínica se aproxima da desconstrução da padronização das escolhas e dos desejos, desvinculando-os de valores burgueses e paradigmas estereotipados e hegemônicos, isto é, de tudo aquilo que se convencionou afirmar como bom, correto ou moral, mas gerando novas formas de vida, agora fundamentadas numa ética referida ao livre exercício do pensamento e da afirmação de si de forma crítica e criteriosa, capaz de conduzir o homem a uma maior liberdade.

suma, em todo lugar onde predominam linhas duras. Este plano nos remete a crença nas origens, pois seu modelo é o arborecente. Já o plano molecular diz respeito àquilo que é da ordem do desejo, que não tem uma forma prévia, pertence, portanto, ao plano das intensidades no qual as linhas que prevalecem são as flexíveis, móveis, plásticas e criam desvios a uma rota determinada, daí dizer que seu modelo é o do rizoma, já que opera aberturas que nos possibilitam criar um campo de multiplicidades. Por isso, Deleuze dirá: "Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Maiores detalhes consultar Deleuze, G. Mil Platôs: *capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34 e Rolnik, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

Uma clínica afirmativa da vida, da potência dos encontros e criadora de novos territórios existenciais é o nosso desafio.

A clareza e vivacidade estarrecedoras que Wilhelm Reich possuía se baseavam na sua plena convicção de que amar, conhecer e trabalhar, de formas simultâneas e inteiriças, harmônicas e integradas são a plena expressão da nossa potência de vida.

No mundo contemporâneo, onde o corpo se vê usurpado e capturado não apenas no amálgama de disciplina e controle, mas no seu desejo em todas as suas modulações, retornamos a Reich a fim de buscar a lembrança de um corpo pulsátil e de uma clínica que me proponho a revisitar, conservando o que nela pode operar como dispositivo de resistência e afirmação.

Capítulo I

Reich

Constrói a tua casa sobre um rochedo. Rochedo que é sua própria natureza destorcida, o amor físico de teus filhos, a esperança amorosa de tua mulher (...). Troca as tuas ilusões por um pouco de verdade, manda teus políticos e diplomatas darem uma volta. Esquece teu vizinho e escuta tua própria voz - o teu vizinho fica-te grato. Diz aos teus camaradas de trabalho que desejas trabalhar em nome da vida, não a serviço da morte. Não corras para assistir à execução de seus carrascos e vítimas, cria as leis que protegem a vida humana e seus bens. Leis essas que serão os pilares de rocha viva onde assentares sua casa. Protege o amor das crianças de tenra idade do ataque dos adultos lascivos e frustrados. (...) Tens a vida em tuas mãos, não a entregues a outrem e muito menos aos chefes que elegeres. Sê tu próprio (...). És grande quando desempenha com gosto sua tarefa, quando trabalhas na alegria a madeira, quando constróis pintas e embelezas teus espaços, quando trabalhas a terra, quando contemplas o céu na quietude e te comprazes na existência dos animais simples, quando danças e cantas, quando amas a beleza de teus filhos, o corpo do homem ou da mulher que escolheste. (...) És grande quando podes afirmar (...): Pude acompanhar o crescimento dos meus filhos, ouvir-lhes o falar e as primeiras palavras, vê-los mover-se, andar, brincar, fazer perguntas. (...) Ainda bem que pude gozar o vento ameno, (...) que não perdi meu tempo em mexericos (...) que amei a minha companheira e senti correr em meu corpo o fluxo da vida (...). Existe apenas uma coisa que vale a pena: viver bem e alegremente a própria vida(...). E não consintas que o sofrimento te torne duro e amargo (REICH, 2007).

1.1- Uma breve biografia de Reich

Wilhelm Reich nasceu numa aldeia da Ucrânia, filho de pais de origem judaico germânica, sendo, porém, educado segundo a cultura alemã e afastado do judaísmo ortodoxo. Teve uma infância e adolescência fortemente marcadas pela vida no campo e pelo contato com a natureza, bem como pela tragédia familiar que culmina no suicídio de sua mãe e morte subsequente de seu pai.

Após este desfecho de sua adolescência, perdendo as terras de sua família, Reich é encaminhado ao Exército onde serve e atua na Primeira Grande Guerra, cuja experiência deixa marcas significativas na construção do seu percurso.

Ele retorna e ingressa na faculdade de medicina, formando-se no verão de 1922. Em seus relatos autobiográficos, percebe-se sua inquietação diante dos formatos e padrões morais estabelecidos, como o casamento compulsório ancorado em dispositivos de aliança, a negação do erotismo e sexualidade presente no comportamento das moças, as relações familiares adoecidas, o excesso de racionalização. Mais uma de suas falas ilustra este fato:

(...) ser inteligente é um esporte especial da elite burguesa, especialmente da juventude judaica. A inteligência pela inteligência, ser capaz de conversar com sagacidade, de desenvolver idéias e de filosofar sobre os pensamentos de outros eram alguns dos atributos essenciais de uma pessoa que pensava ser alguém. (REICH., 1897/1922, p.83).

Este comentário de Reich ilustra bem suas críticas à postura narcísica que para ele permeia a construção dos saberes, onde uma excessiva racionalização distancia o homem de seus afetos mais genuínos e do contato real com o conteúdo sobre o qual se debruça.

Esta mesma crítica aparece no seu discurso, quando nos lembra a importância de não negligenciar o corpo e seus afetos no setting analítico, entendendo que a ênfase na linguagem e a busca constante pela causa e origem dos sintomas conduz comumente a um saber

incessante sobre si mesmo, simultâneo a um afastamento da emoção em todas as suas modulações, que poderiam, se à serviço do princípio de auto regulação, propiciar uma vivência afetiva das sensações corpóreas trazendo novos sentidos e liberando a energia que investe exaustivamente um determinado conteúdo ou sintoma.

Ao mesmo tempo em que luta com as dificuldades financeiras e com a agitação de anos de intensa produção intelectual, é um Reich um tanto aflito na intensidade de sua juventude que nos relata a fogueira de vaidades que permeava a construção dos saberes da época. Ele se forma doutor em Medicina pela Universidade de Viena em 1922.

Reich continua seus estudos nesta Universidade, cursando neuropsiquiatria junto à Clínica Universitária de Neurologia e Psiquiatria, dirigida pelo professor Wagner-Jauregg. Como, já havia iniciado a prática de psicanalista, combina esta prática sucessivamente com a atividade psiquiátrica. A Clínica Psicanalítica do professor Freud, em Viena, inicia suas atividades, no ano de 1922 e Reich torna-se seu assistente clínico, papel que cumpre até 1928, quando passa a diretor do Instituto.

Já como membro da Sociedade Psicanalítica, se via envolvido em diversas investigações clínicas. Aluno brilhante de Freud, em 1924, aos vinte e sete anos dirige o Seminário de Ética Psicanalítica, ao mesmo tempo em que atua como militante bastante entusiasta da Associação Socialista de Consulta e Pesquisa Sexual, dirigida aos trabalhadores de Berlim.

A partir de 1930 torna-se militante do Partido Comunista Alemão, e funda esperançoso a SEXPOL – Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária, que em pouco tempo agrega 40.000 membros e passa a lecionar na Escola Marxista dos Trabalhadores, tratando dos temas Psicologia, Marxismo e Sexologia. Ao mesmo tempo pratica a psicanálise e redige algumas obras importantes.

Os anos de 1933-34 foram determinantes na vida de Wilhelm Reich, invertendo radicalmente a relação com as duas instituições nas quais desenvolvia suas reflexões através da prática clínica e da militância política, uma vez que é expulso do Partido Comunista Alemão e da IPA – Associação Psicanalítica Internacional, num sinal evidente de uma violência institucional, num momento em que o triunfo do nazismo exigia de todos decisões e posicionamentos importantes.

De acordo com Cláudio Mello Wagner (1996), pode-se argumentar que a polêmica a respeito da exclusão de Reich é apenas uma querela de opiniões, que se divide entre os que afirmam que ele se afastou e outros que crêem ter sido desligado destes espaços.

Porém, algumas cartas entre Anna Freud e Ernest Jones já apontam o desejo de Freud de que Reich fosse excluído, temendo que sua ligação ao comunismo e insistência em atrelar a psicanálise à política trouxesse danos à instituição que tanto trabalhavam para afirmar e proteger do nazismo. Isto tornava necessário que seus dirigentes afastassem todos os membros que tivessem alguma militância política, a fim de manter-se neutra em relação ao confronto entre nazismo e comunismo e isentar-se de ligação com qualquer ideologia, ainda que verifiquemos que as divergências entre elas sejam mais fáceis de estabelecer do que as aproximações. Tais considerações não pretendem negligenciar as divergências entre a teoria Reichiana e a Psicanálise, mas apontar que se encontram para além de questões puramente conceituais e epistemológicas.

Vianna⁴ menciona em palestra realizada em Tours que alguns impasses éticos se repetem com frequência em diferentes instituições psicanalíticas, tais como a manutenção de segredos e ocultação de fatos institucionais, na grosseira pretensão de sustentar como verdade e como real o poder do esquecimento.

⁴ Maiores detalhes consultar: <http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/HelenaBessermanVianna2.htm>

Confirmamos tal afirmação ao verificar que alguns documentos tornam compreensíveis, de acordo com Wagner (1996), as razões de certos depoimentos só terem surgido após a exclusão de Reich.

Robinson relata, transcrito por Wagner (1996):

A filiação de Reich na Associação Psicanalítica Internacional foi oficialmente cancelada no Congresso de Lucerna, em 1934. Ernest Jones relatou incorretamente (com certa dose de ma-fé, desconfio) que Reich demitiu-se da Associação em Lucerna. De fato, Reich já tinha sido secretamente expulso da Sociedade Psicanalítica Alemã (e, portanto da Associação Internacional) um ano antes. Soube, pouco tempo antes do congresso internacional, que o seu nome não figurava na lista oficial dos membros da associação. Evidentemente foi-lhe explicado que a publicação de 'The Mass Psychology of Fascism' (1933) fizera dele um risco para o movimento psicanalítico. Assim, o rompimento de Reich com a psicanálise estava inextricavelmente ligado ao seu papel como ativista político e filósofo social" (Robinson, A esquerda freudiana, 1969).

Wagner (1996) mostra, em detalhada pesquisa, que sua expulsão já estava sendo providenciada antes de agosto, uma vez que Ernest Jones foi incumbido por Anna Freud de arranjar seu desligamento. Torna-se claro que as divergências teóricas eram secundárias, e não relativas a princípios fundamentais tais como o inconsciente, a sexualidade infantil e o complexo de Édipo, que eram mantidos na sua perspectiva.

O próprio Reich menciona no segundo prefácio de *Análise do Caráter*:

A responsabilidade pela fixação dos limites da psicanálise oficial, mediante a qual a economia sexual e a teoria do orgasmo ficaram excluídas, é daqueles mesmos membros da Sociedade Psicanalítica Internacional que lutaram por minha expulsão desta. Mais tarde eles começaram a ter problemas de consciência e tentaram fazer parecer que havia sido eu quem quisera separar minhas teorias da teoria psicanalítica. Todavia é preciso que fique bem claro aqui que a economia sexual nunca se afastou do conteúdo central das conquistas científicas de Freud. (...) A economia sexual não é rival da psicanálise(...)⁵

⁵ REICH, Wilhelm. *Análise do caráter- prefácio a segunda edição*, p.10.

O mais sério embate acerca de ser primária ou secundária a pulsão de morte não era razão suficiente para ruptura, posto que fosse inclusive uma temática bastante controversa entre diversos psicanalistas.

Também não se baseia seu desligamento no exercício das práticas corporais, pois elas são posteriores ao Congresso de Lucerna, a aplicabilidade de técnicas e manejos de toques e massagens, são em sua maioria desenvolvidas após sua morte.

Então mais um relato nos traz Wagner (1996), citando Roudinesco:

(...) no momento em que Hitler assume o poder, Reich é expulso do partido comunista e, em março de 1933, deixa Berlim e parte para Viena. Mas esbarra na oposição dos psicanalistas, que querem enxotá-lo do movimento, menos por suas divergências ao freudismo que por suas opiniões bolchevistas. Ele imigra então para Dinamarca e, em agosto de 1934, no congresso de Lucerna, é excluído do movimento psicanalítico internacional, graças a ação conjunta de Jones, Eitingon e Anna Freud, e a despeito da oposição do grupo escandinavo.

Wagner (1996) indica que podemos interpretar tais relatos como divergência de opiniões, porém é importante que avaliemos o perigo que Reich representava por suas posições e atividades políticas. O autor ainda aponta que Steiner mostra isso em trecho da carta de Anna Freud a Ernest Jones:

O que tudo isto (as atividades políticas de Reich em Viena) pode significar para a comunidade psicanalítica, todo mundo já sabe. Aqui estamos todos dispostos a assumir riscos pela psicanálise, mas certamente não pelas idéias de Reich que ninguém subscreve. Eis a este respeito, a sentença de meu pai: se a psicanálise deve ser proibida, deve sê-lo pelo que é e não pela mistura de psicanálise e política encarnada por Reich. Meu pai não poderia contar com o fato de que se desembaraçassem dele enquanto associado. O que é ofensivo é a violência feita a análise quando se pretende politizá-la, na medida em que ela nada tem a ver com política.

Esta fala torna claro que existiu de fato um corte, nos levando a lembrar que a relação da clínica com a política, que Reich não queria dissociar, foi historicamente uma constante relação de poder, sempre presente nos jogos de forças que atravessam as instituições. Quanto às questões teóricas, temos discordâncias que ainda permanecem pertinentes nas atuais

discussões, o que não invalida nem uma nem outra teoria. O que se torna fundamental para nós nesta clínica revisitada é a sua dimensão política.

Curioso lembrar, como menciona Helena Besserman Vianna, o histórico envolvimento de um candidato de uma das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro filiada a IPA, Amilcar Lobo, em equipe de tortura a prisioneiros políticos em época de ditadura militar. Amilcar recebeu toda proteção de seu analista-didata (Leão Cabernite), que teve por sua vez como analista-didata Werner Kemper. Kemper, durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou comprometido com o regime nazista, na qualidade de diretor do Instituto Göring, chefiado por Matthias Göring, primo do famoso general de Hitler. Werner Kemper chegou ao Brasil em 1948, apoiado, curiosamente, por Ernest Jones, então presidente da IPA e como vimos um dos articuladores da expulsão de Reich.

Em 1935 inicia-se a intervenção direta dos princípios e leis nazistas na Sociedade Psicanalítica alemã (DPG), ficando estabelecido que as autoridades nazistas governamentais, só admitiriam a existência da psicanálise na Alemanha, se "todos os seus representantes fossem arianos". Nestas circunstâncias, Ernest Jones, na qualidade de presidente da IPA, reúne-se em Berlim com os membros não-judeus da sociedade psicanalítica alemã (entre eles Werner Kemper – fundador da primeira sociedade psicanalítica do Rio de Janeiro, a qual pertencia Amilcar Lobo, analisante em formação de Leão Cabernite, que por sua vez, foi analisante de Kemper) e, em reunião realizada em dezembro de 1935, concordam com que "os poucos judeus ainda remanescentes na sociedade deveriam apresentar suas demissões "espontaneamente", para impedir a dissolução da sociedade e assim, "salvar a psicanálise". Diz Vianna que este episódio vergonhoso é descrito por alguns psicanalistas, entre eles Kemper, de forma escamoteada e eufemística, dando a entender que os psicanalistas judeus teriam liberdade para decidir, por vontade própria, se podiam ou se deviam demitir-se da sociedade psicanalítica alemã.

A revista oficial da IPA também apresenta uma relação dos psicanalistas alemães falecidos durante a guerra, sem nenhuma menção ao fato de que grande parte deles eram judeus que foram assassinados ou exterminados em fornos crematórios dos campos de concentração construídos pelos nazistas.

Amilcar Lobo escreve suas memórias em livro intitulado – *A Hora do Lobo e a Hora do Carneiro* (seu codinome na equipe de tortura):

(...)Dra. Helena Besserman Vianna escreve que em nenhum momento me mostro envergonhado pelo que cometi ou assisti nos quatro anos que fiz o serviço militar. No entanto (...) parece esquecer que o Homem utiliza a tortura e os assassinatos há milhares de anos, desde que se organizou em sociedades. Há bem pouco tempo, a Inquisição torturou e matou inúmeros judeus e há pouco mais de quarenta anos o regime nazista alemão procedeu da mesma forma. Assim é o Homem na sua total estrutura mental e eu não me envergonho de ser um deles(...)

Vianna convida a refletir para além da questão ética, como tal declaração é notoriamente eivada de aspecto político e pergunta - que ato não é político? Desta maneira percebemos que os mesmos mecanismos escamoteiam, em situações historicamente diversas, o distanciamento do comprometimento político. Percebemos que esta posição ancorou certa psicanálise em um discurso que a visava preservar, mas que ainda hoje reverbera em práticas distanciadas da noção de clínica como lugar de poderosas intervenções políticas.

Um dado importante que não podemos deixar de assinalar em função de seus efeitos na clínica, diz respeito à primazia do conceito de pulsão de morte presente no discurso de Amilcar cujos resíduos legitimam certas práticas que ainda estão presentes na contemporaneidade e colocam o negativo na base do psiquismo, conforme aponta Rauter (2003), em *Produção social do negativo: notas introdutórias*.

Se a mitologia da pulsão de morte for levada a sério, teremos a formulação de uma teoria sobre a delinqüência de sérias conseqüências. Se há uma força mortífera que secretamente habita o homem, por certo haverá situações em que, por fracassos educativos, ausências maternas e paternas, essa tendência eclodirá. A terapia para este mal será, como se repete sem cessar, a imposição de limites. É o que repetem os trabalhadores sociais, sem saber muito bem de que falam, como uma palavra curativa mágica. É preciso dar limites!- dizem os especialistas às famílias de psicóticos, aos pais de jovens que usam drogas, aos educadores de infratores, sem que ninguém saiba precisar de que maneira isto será feito. Enquanto isso, a mídia pede mais polícia, brada por autoridade, enquanto oferece ao deleite um tanto inconfessável dos telespectadores cenas e histórias monstruosas de crimes.

A esse respeito, podemos afirmar que se para Reich, a morte não é algo por que o organismo clame, é algo que ocorre ao organismo, não é, portanto, uma pulsão primária⁶. Em sua perspectiva, a pulsão de morte⁷ é, na verdade, a própria pulsão de vida que se acumula ao ser impedida de seguir seu curso natural, tornando-se tóxica. Ele enfatiza que as pulsões, enquanto tais, não possuem conotação previamente definida. São cargas cujo único objetivo ou alvo é a própria descarga sem objeto predeterminado. Os objetos e metas são socialmente condicionados, moldando, incentivando ou reprimindo as pulsões.

Estamos então agora com Reich em outro lugar clínico que ele buscou sustentar em exaustivo trabalho muitas vezes esquecido, como muitos de seus artigos que ainda não foram publicados e tantos outros que foram destruídos. Lugar que em última instância nos recoloca diante da angústia, aquela que comparece em nossa clínica tão cotidianamente, imaginando que uma vez que não estamos diante de um homem basicamente angustiado existem outras vias e caminhos para fluxo do desejo e suas intensidades.

Rauter menciona que se pensarmos, com Reich, um homem que não teria uma angústia básica e sim uma angústia resultante da repressão sexual e suas diferentes políticas,

⁶ Pulsão é o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir seu alvo. (J.Laplanche, J.B.Pontalis, Vocabulário da Psicanálise, Livraria Martins Fontes – Santos - Brasil, 1967, p.506.)

⁷ Pulsões de morte, no quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendentes a auto destruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma de pulsão agressiva ou destrutiva. (J.Laplanche, J.B.Pontalis, Vocabulário da Psicanálise, Livraria Martins Fontes – Santos - Brasil, 1967, p.528.)

estaríamos então diante de uma concepção que abre espaço para se pensar o campo da sexualidade como pura positividade, escapando do pessimismo.

Reich também nos possibilita mais um deslocamento no momento em que valoriza a intervenção na neurose atual em oposição à busca incessante de conteúdos primitivos e eventos traumáticos determinantes, incidindo sobre a dinâmica do caráter sua principal intervenção. Este caminho é na verdade a via de acesso às defesas que se cristalizam no corpo que foi moldado pela inibição moral carregando em si suas couraças e traços caracterológicos. Para ele é justo aí o lugar onde se pode abrir caminho para restaurar o que entende como mecanismo de auto regulação⁸.

Reich (2004, p.92) e define então a potência orgástica como a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo. Esta proposição implica na qualidade do contato e não na potência eretiva ou ejaculativa, entendidas como apenas pré-condições, e ele afirma que “(...) as pessoas confundem o ato sexual puramente animal com a posse amorosa”.

A potência orgástica não diz respeito apenas a uma possibilidade de descarga, mas a todo um funcionamento psíquico ancorado num caráter genital, capaz de estabelecer vínculos com o trabalho e de posse de uma economia da libido regulada.

Se a perturbação genital constituía a fonte de energia dos sintomas neuróticos, não poderia haver um sem o outro, o que o leva a afirmar então que o papel da impotência orgástica na economia sexual é semelhante ao papel do complexo de Édipo para psicanálise.

A primeira é aquela que funciona como fonte de energia da psicose aturada através da estase, reativando idéias infantis e intensificando a própria inibição. Propõe que

⁸ Este conceito será desenvolvido mais adiante.

uma vez livre este fluxo energético, outras idéias podem ser ativadas mais livremente, já que é no bloqueio energético que encontram sua força motriz.

Estas outras idéias que podem ser ativadas é que nos interessam, uma vez que a fórmula se inverte do trauma e da fantasia edípica para contenção sexual e expressiva, nos fornecendo subsídios para pensar uma clínica que não busque incessantemente o passado a fim de rememorar uma causa para o sintoma.

1.2-Couraça Muscular

Ao longo de toda minha vida, tenho amado os bebês, as crianças e os adolescentes, e também sempre fui amado e compreendido por eles. Bebês costumam sorrir para mim, pois tenho um profundo contato com eles, e crianças de dois ou três anos mui freqüentemente ficam compenetradas e sérias quando olham para mim. Isto foi um dos grandes privilégios de minha vida, e quero expressar de alguma maneira meus agradecimentos por este amor que meus pequenos amigos me concederam. Possa o destino e o grande oceano de energia vital, do qual eles vieram e para o qual retornarão cedo ou tarde, bendizê-los com satisfação, alegria e liberdade durante suas vidas. Espero ter dado o melhor de mim para sua futura felicidade. Wilhelm Reich (1951/52), na dedicatória de seu livro "Children of Future - On the Prevention of Sexual Pathology", Ed. Farrar, Straus and Giroux, 1983

Couraça caracterial provém do alemão *Panzer* e do inglês *Armour*, termos emprestados do mundo militar, que também pode se traduzir por armadura. Representa a soma de todas as forças de defesa repressiva, sua função primordial. Defesa ao mesmo tempo contra as forças pulsionais e o mundo exterior, o que a torna um lugar permanente de enovelamento, compromisso e equilíbrio entre a realidade externa e interna.

Para Reich, a couraça se manifesta como rigidez ou tensão muscular crônica que traduz uma inibição de alguma excitação, quer se trate de prazer, quer de angústia ou de ódio, havendo, portanto uma identidade entre couraça caracterial e hipertensão muscular, de acordo com Dadoun (1991).

A idéia de couraça muscular representa o registro corporal da contenção energética despendida para manutenção de uma estrutura defensiva, função contrária ao movimento

pulsátil e natural de vida. Este movimento, desde um momento primitivo em busca da autopreservação e da conservação da vida, está presente no organismo humano até onde parece paradoxalmente inverso.

De acordo com Federico Navarro (1991), citando Reich:

As localizações biopáticas ⁽¹⁾ aparecem nos níveis anatômicos onde existe forte tensão muscular crônica e, conseqüentemente a estase ou carência energética (...). O terreno bioenergético individual(...) é a expressão da capacidade de distribuição e circulação do patrimônio energético (...). No caso de um terreno hipogonótico (por exemplo, tumor maligno), o escasso patrimônio energético de base não é suficiente para neutralizar o excesso de DOR ⁽²⁾ que se acumula no organismo intoxicando-o por inteiro. O DOR é causa e efeito de alteração no DNA celular, enfraquece o ritmo biológico vital da célula, a sua freqüência de reprodução e suas estruturas evolutivas (isto é evidente nos tumores malignos, onde a "loucura" da reprodução celular é paradoxal, um absurdo mecanismo de defesa da célula detonado com o propósito de sobreviver.

Assim, a função biológica da pulsação plasmática (ritmo biológico) é enviar energia do centro para a periferia e o distúrbio desta função verificado nas biopatias é determinado pela deficiência, estase ou pelo excesso de descarga energética celular devido à contração crônica do aparato autônomo, energia investida na manutenção da couraça⁹.

Este movimento pulsátil oriundo de um modelo biológico é para ele, ao mesmo tempo em que movimento de todo organismo vivo, correlato também do funcionamento psíquico, estando o ego ancorado no corpo, designando o que ele entende como caráter.

É interessante notar que Reich nomeia este fundamental conceito de couraça numa metáfora de um termo militar, terreno que foi muitas vezes objeto de sua reflexão e do qual nos ocupamos agora, com o objetivo de elucidar a idéia de formação do caráter ancorado na estrutura social, que será desenvolvida mais adiante.

⁹ Rebello, L. A Clínica sob uma perspectiva reichiana – Cd-rom Saber em Movimento – Henrique Rodrigues

A experiência da Primeira Guerra, onde esteve presente no campo de batalha como comandante de um pelotão de infantaria, produziu nele fortes impressões. Reich (1996, p.73) diz:

Vim conhecer os homens de outro ângulo; por trás da estupidez, da obediência cega, das enfadonhas piadas obscenas, ocultava-se não uma ‘consciência de classe revolucionária e ódio à classe dominante, mas uma profunda simplicidade e franqueza humanas. Nunca ousava mostrar-se abertamente, mas despontava quando o cinto da disciplina autoritária era afrouxado. Então cautelosa e vagarosamente, ela vinha à luz.

Ao recordar um episódio onde um soldado chora ao não ser repreendido por ele, no alívio em não receber a punição esperada em função de uma “negligência” cometida, percebe que havia ali outro nível de compreensão muito profundo, por trás de uma mentalidade forjada para guerra.

Apesar de notar que não havia consciência suficiente para uma possível resistência política, Reich percebe uma humanidade nem um pouco soldadesca onde residia uma força que poderia mesmo ter sido mobilizada contra a opressão de uma guerra imperialista.

Reich mostra ainda que neste percurso algo foi se dissipando entre alguns deles, ainda que não tivessem disto uma compreensão clara. Aos poucos alguns soldados escapam da pose militar que aprisionava o significado de suas vidas através de um Exército onde ingressaram simplesmente como rapazes que seguiam a carreira militar como uma continuidade da vida escolar. Eles viviam num mundo que parecia depender da natureza essencial de uma lógica onde galões e estrelas possuíam um papel central, lógica esta onde qualquer método de disciplina era considerado válido e capaz de determinar a um homem a tarefa de segurar um sabre ou uma baioneta.

Exaustos do combate, alguns vão aprendendo novas profissões ou continuam as antigas, tornando claro que a guerra não era uma justificativa prática e pertinente para a existência, e sim uma atividade desprovida de sentido. A postura reproduzida pelos soldados

de forma automática era, assim como a moral compulsória, um ato reproduzido sem questionamento, esvaziado de sentido.

Diz então Reich:

As necessidades biológicas, a alimentação e o desejo sexual determinam fundamentalmente a necessidade de organização social dos homens. As relações de produção, assim criadas, modificam as necessidades fundamentais, sem, no entanto, jamais matá-las, e, assim, criando novas necessidades. As modificadas e recém-criadas necessidades, por sua vez, determinam o desenvolvimento posterior da produção, dos meios de produção (ferramentas e máquinas) e, conseqüentemente, o das relações econômicas dos homens entre si. Com base nestas relações de produção os homens desenvolvem certos conceitos em torno da vida, da moral, da filosofia, etc.(...). A ideologia social assim estabelecida, por seu lado, forma a estrutura humana(...). Se uma minoria detém o poder político, detém também o poder da produção ideológica e da formação da estrutura geral.

Desta forma, com a noção de ancoragem do Estado na formação do caráter, entendemos como sustenta que os impulsos destrutivos são na verdade secundários, ou seja, impulsos naturais primariamente agressivos que ao serem reprimidos, retornam com uma conotação violenta, sádica em reação a opressão sofrida.

Reich reconhece a repressão exercida pelo ego sobre o id como uma etapa natural e necessária, sem a qual se presencia a experiência esquizofrênica, porém considera os sistemas sócio político- econômicos como expressão social do encouraçamento humano e fonte de um processo de cristalização de um caráter doente, fonte de sofrimento do indivíduo capturado, reproduzindo e reproduzido pelo fenômeno da peste emocional¹⁰.

Convergindo com a percepção de Reich, podemos pensar também em Elias Canetti, em seu clássico *Massa e Poder*, quando se refere às relações de submissão, trazendo o caráter indiscutível e definitivo da ordem. Para ele, uma ordem é sempre aceita indubitavelmente

¹⁰ Peste Emocional é uma biopatia crônica do organismo. Fez sua aparição na sociedade humana com a primeira repressão em massa da sexualidade genital (...) é uma doença endêmica (...) que manifesta-se essencialmente na vida social em irrupções violentas e disseminadas de sadismo e criminalidade, em pequena e grande escala. (...) A Inquisição Católica da Idade Média foi uma de suas explosões epidêmicas, o fascismo internacional do séc XX é outra. (Reich, W. Análise do caráter, Ed. Martins Fontes – São Paulo – 1998, cap XVI – A peste emocional, p.461)

desde a infância, deixando vestígios hostis e profundos no homem que obedece, gerando em princípio como efeito, desde sua forma mais remota, a fuga.

A ordem não admite réplica, pertencendo aos elementos da vida que são impostos, obedece-se porque não seria possível combater com perspectiva de êxito. O poder assim visto de fora, cresce de forma incessante, alicerçado em si mesmo.

Assim, a idéia fundamental de Canetti (p. 340), é de que:

Toda ordem consta de um impulso e de um aguilhão (...) ele é secreto não se suspeita de sua existência; talvez se manifeste, levemente perceptível, numa pequena resistência antes da ordem ser obedecida. Mas o aguilhão penetra fundo no homem que cumpriu uma ordem e permanece lá dentro inalterável.

A ordem sempre gera um efeito, sempre acertando certa seu alvo, porém deixa também no atirador as marcas do medo que gera em ambos, aos quais também livra da mútua ameaça.

Canetti afirma que é a ordem isolada que nos leva a formação do aguilhão que conserva dentro do indivíduo uma resistência, um duro cristal de rancor, somente conseguindo desfazer-se dele dando uma ordem idêntica, sendo o retrato oculto da ordem internalizada da qual só se libertará ao reproduzi-la.

Tal perspectiva converge com o pensamento de Reich, que insistentemente considera a sociedade como fator fundamental na formação do caráter, com suas regras e normas disciplinares, reprimindo a sexualidade e a expressão livre dos afetos.

A sociedade reguladora das pulsões e afetos pela disciplina, molda o corpo deixando também nele suas marcas, formando o indivíduo que, ao mesmo tempo é efeito e produtor, resultado e ao mesmo tempo mantenedor de seu funcionamento, distanciando cada vez mais o homem dos princípios da natureza e da autoregulação.

A ordem dada a muitos indivíduos produz um diferenciado efeito, pois atua sobre massas e se expande horizontalmente e pela expressão instantânea da mesma ordem, as

mesmas pessoas que se transformam em massa, fogem juntas. A ordem difundida não deixa agulhão ou espinho, pois se dissolve na fuga.

O efeito sobre a subjetividade do grupo encontra de certa forma uma saída, resultado da força resultante do coletivo, onde as forças agregadas se tornam uma possibilidade de desvio. Na subjetividade individuada, o massacre do agulhão da ordem dada não encontra outra saída que senão passá-lo adiante, dentro do núcleo familiar.

Por esta razão temos o exemplo da família como representante da ordem disciplinar através do adestramento familiar, postura policialesca que exerce seu controle através de suas normas, como porta-voz do discurso médico e jurídico.

Lembramos aqui do que Reich chama familite, num arremedo burlesco desta família burguesa, reguladora da sexualidade e vigilante da moral compulsória, substituta da genitalidade auto regulada e sadia.

É interessante notar que nas sociedades livres das normas moralistas da sociedade dita como evoluída, naquelas consideradas primitivas, conforme Clastres, verificamos outra noção de família e a importância dada ao grupo como detentor do poder de decisão de forma igualitária e equânime. Não há um indivíduo onde o poder se centraliza, e sim componentes que compõe um grupo forte, unindo suas forças individuais. O grupo surge como lugar onde as decisões se diluem, colocadas em contraponto no coletivo. Esta força do coletivo é justamente a primeira coisa a ser esvaziada quando submetidos ao poder da força coercitiva ou econômica.

Reich já vislumbrava isso quando dizia da premência de uma política sexual, ou seja, de um esclarecimento das massas e libertação da opressão sexual, capaz de trazer a luz, na sua concepção, para uma abertura ao surgimento de um indivíduo mais saudável. Saudável e, portanto mais ativo politicamente, capaz de buscar seus direitos e exercer seu trabalho de

forma justa e alegre, onde a atividade laboral não está mais ligada ao sacrifício e sim ao prazer da produtividade sadia e do livre exercício intelectual.

Por isso ele valorizava a compreensão da importância da educação sexual como profilaxia das neuroses, entendendo que a solução não poderia estar apenas na clínica, mas na infância, o que aponta novamente para o caráter político de sua intervenção.

Eva Reich relata que seu trabalho foi fortemente influenciado por seu pai e que a partir de 1949, já formada em medicina, trabalhou como sua assistente nos Estados Unidos.

Na última fase de sua vida, Reich não conduzia mais terapias individuais, concentrando-se na prevenção de neuroses e nas pesquisas orgonômicas. Ela formulou seu trabalho que denominou bioenergética suave a partir da tentativa de compreender como os bebês se encorajavam, como surgem os bloqueios desde o início da vida.

Numa passagem da introdução do *Análise do Caráter* em sua primeira edição, ele diz:

De um ponto de vista social, a posição da psicoterapia individual é desanimadora. O fato de ser precisamente esta compreensão – a de que as neuroses são produzidas em larga escala – que levava a uma preocupação ainda mais minuciosa, ainda mais intensa com os problemas da terapia individual, pode até ser considerado um ardil dialético típico. Esforcei-me por mostrar que as neuroses são o resultado de uma educação familiar patriarcal e repressiva no que se refere às questões sexuais; que, além disso, o que interessa de fato é uma profilaxia das neuroses, objetivo para cuja realização prática, no moderno sistema social, faltam todas as condições prévias; que em suma ; só a mudança radical das instituições e ideologias sociais (mudança que depende do êxito das lutas políticas de nosso século) criará as condições necessárias a uma ampla profilaxia das neuroses.

É interessante notar a atualidade desta observação de Reich, tanto no que diz respeito, em particular no nosso país, ao esvaziamento dos sistemas de saúde e educação que reflete na enorme quantidade de adolescentes grávidas e mulheres de baixa renda em situação de carência de informações e orientação no que tange a todo o processo de controle de natalidade, planejamento familiar e também de humanização neste primeiro contato com seus bebês.

Em segundo lugar, e nem por isso menos importante, a problematização da valorização da neurose e seu tratamento individual como solução de uma patologia que

resultaria de uma estrutura familiar e nela se encerra. Tal aspecto se mostra também atual, como afirma Coimbra, em *Guardiães da Ordem*, quando, ao traçar um panorama das práticas psi no Brasil, aponta para o quanto se valoriza o privado em detrimento do público, localizando todas as causas de nossas mazelas naquela suposta família desestruturada, geradora de comportamentos patológicos, produzidos no seio familiar adoecido. Isso mostra como os especialistas “psi” acabam deixando de lado os aspectos políticos envolvidos na produção de subjetividades, tal como Reich já mostrava em suas análises.

O discurso reichiano possui aqui uma dobradura que objetivamos valorizar como uma possibilidade de desvio, se nela não potencializarmos uma armadilha, efeito de um discurso ingênuo e pretensamente libertário. Ao propor uma profilaxia das neuroses¹¹, Reich quase resvala numa nova disciplina normatizadora, numa “terapia do social”, ao mesmo tempo em que fala de uma ampliação dos recursos que capacitem o homem a exercer sua força no coletivo de forma afirmativa. É importante notar que encontramos em Reich uma multiplicidade de discursos, onde estão presentes a aposta nas forças vitais de forma afirmativa intervindo no social e simultaneamente já se nota uma perspectiva universalizante do caráter genital.

Eva Reich, sua filha, presenciava o trabalho de Reich com gestantes e mulheres que acabavam de dar a luz, realizado no *Orgonomic Infant Research Center*, que foi dirigido por ele durante alguns anos.

Tal projeto tinha como idéia básica evitar a rigidez de caráter desde o momento em que se vinha ao mundo, observando como se instalava e buscando evitá-la. Eva conta que seu pai achava importante prestar atenção ao parto, neste projeto realizou um sem número deles,

elaborando inúmeros extensos relatórios que foram documentados e até hoje não foram publicados.

Quero que compreenda que a terapia individual não vale a pena. Ah, sim, para fazer dinheiro e ajudar aqui e ali vale a pena. Mas do ponto de vista do problema social, do problema da higiene mental não vale a pena...Só as crianças valem a pena. É necessário recuar até o protoplasma não afetado. (HIGGINS & RAPHAEL, 1979)

Como assistente da fundação Wilhelm Reich no Maine, Eva trabalhava no laboratório e convidada pelo pai acompanhava as visitas as grávidas e parturientes, infelizmente o projeto teve seu fim junto com a experiência de Oranur.

Eva atribui o fracasso do projeto a sua interrupção e a insistência de seu pai em que as mulheres precisavam ser desencouraçadas, o que ela julgava impossível, mas diz que como sua assistente foi fortemente influenciada pelo aspecto suave da vegetoterapia, quando seu pai assim trabalhava o toque em crianças.

Reich acreditava que a relação mãe x bebê era fundante e era, portanto imprescindível para ele que estas mães estivessem trabalhadas clinicamente, de forma a estabelecer com os seus bebês um contato genuíno, através do olhar, da voz e do toque. Para ele isto era fundamental no período de amamentação e determinante também da preservação do contato neurovegetativo da criança, ao contrário do aprisionamento decorrente das normas disciplinadoras que moldam o corpo e distanciam o homem de sua natureza e sensações.

Em 1951, no Harlem Hospital de Nova York, Eva Reich começa a observar os bebês, trabalhando a importância da presença das mães junto às incubadoras para o seu desenvolvimento. Ela conta que os bebês prematuros ficavam como autistas, fracos e sem reação sem o contato humano e seu trabalho consistia em estimulá-los fazendo com que sua respiração se aprofundasse, balançando-lhes o corpo para que onda respiratória pudesse atravessá-los. Para sua surpresa os bebês prematuros reagiam intensamente aos toques.

Ela então já trabalhava de acordo com o princípio da energia vital proposto por Reich, usando também o cobertor orgon que elevava imediatamente a temperatura das incubadoras, lembrando como é importante que o bebê permaneça no campo energético da mãe.

Muito se desconhece do trabalho pré e pós-natal pioneiro realizado por Reich com bebês e parturientes, que deu origem a diversos outros trabalhos, assim como o parto Leboyer e toda a mudança que hoje já encontramos presente numa postura mais acolhedora ao receber nossas crianças, valorizando o contato corporal, a amamentação e o toque.

Todo o trabalho de Eva (1998, p.7), como pediatra e psicoterapeuta, se apoiava nas influências que marcaram seu trabalho: do pai, Frederik Leboyer, Frank Lane e Gerda Boyesen. Ela dizia: “Os delicados inícios da vida são de grande importância. São o fundamento do bem estar da alma e do corpo. Gostaria de pedir-lhes apoio a esses esforços.”

Tudo isto fazia parte do que Reich entendia como uma profilaxia das neuroses, uma preparação para a chegada das crianças do porvir, aquelas que seriam acolhidas e educadas para a liberdade sexual e intelectual, atingindo o que ele entendia como um pleno desenvolvimento capaz de se instaurar como um caráter genital, portanto, não disciplinarizante.

Conforme assinala Albertini (1994) e Matthiesen (2005), ao pesquisar a perspectiva preventiva presente na obra reichiana, um domínio que não pode deixar de ser iluminado é o da educação. Os comentaristas lembram que, após 1927 a abordagem desse autor, afastando-se cada vez mais da orientação freudiana do período e adotando a noção de auto-regulação (Bellini, 1993) como eixo, vai investir massivamente na educação, em especial na educação infantil. De forma coerente com toda a elaboração teórica em curso, o foco da análise reichiana vai priorizar a esfera da educação sexual. Para esclarecer bem este posicionamento, os comentaristas tiram um trecho de *People in Trouble* (Reich, 1953/1976) no qual o autor aborda os aspectos inovadores dos centros de aconselhamento e, principalmente, reivindica o

crédito por ter sido o primeiro a introduzir o tema da sexualidade de crianças e adolescentes no campo da higiene mental. Segundo o entendimento reichiano do período, seria possível alcançar efeitos preventivos a partir de orientações sobre a forma de lidar com a sexualidade de crianças e adolescentes. Nas palavras do autor:

Nós integrávamos os problemas das neuroses, distúrbios sexuais e conflitos do dia-a-dia. Também era novidade atacar a neurose mais pela prevenção do que pelo tratamento. Isto dependia, basicamente, da forma de se conduzir a sexualidade em crianças e adolescentes. Neste ponto, desejo reivindicar prioridade e total responsabilidade para esta introdução à teoria da economia sexual [...] Até então, nenhuma atenção a esta esfera central da higiene mental havia sido dada (p. 108).

Notamos que a atitude de Reich em muitos aspectos foi muito diferente da defendida pelo movimento de higiene mental, construindo uma obra comprometida com a intervenção social no que se referia ao domínio de normas que regulavam o comportamento sexual. Isto porque, embora Reich tenha falado em higiene mental, seu posicionamento centrava-se numa discussão voltada a problematização destas, pois tinha clareza de que as dificuldades neuróticas eram produzidas socialmente e poderiam ser em boa parte evitadas a partir de transformações sócio-culturais que implicassem modificações no campo da sexualidade. Portanto, seu pensamento em nada convergia com as práticas eugenistas, que, centrando o “mal” no indivíduo e unindo a biologia para justificar o racismo, produziam saberes que visavam justificar a desigualdade social, ao invés de problematizá-la tal como o fazia Reich.

Tanto que, em 1952, cinco anos antes de sua morte, Reich, ao ser entrevistado pelo psicanalista Kurt Eissler, representante dos Arquivos Sigmund Freud, entidade da Associação Psicanalítica Internacional, que lhe pergunta: "Dr. Reich, gostaria de interrogá-lo acerca do movimento de higiene mental no qual desempenhou um papel tão importante. Penso mesmo que lhe deu origem" (p. 79). Em resposta, Reich asseverou:

Não, não dei origem à idéia do movimento de higiene mental ou ao fato dos movimentos de higiene mental. A única coisa que eu de fato introduzi foi o problema da prevenção das neuroses de massas. Há muito tempo que havia um movimento de higiene mental, mas o reconhecimento das neuroses como um problema social, neuroses de massas, foi o que introduzi no movimento de higiene mental (p. 79).¹²

A partir das discussões levantadas acima, podemos inferir que o posicionamento de Reich no que tange a educação sexual e a profilaxia das neuroses visava problematizar os efeitos da sociedade na formação do caráter e, conseqüentemente, no encorajamento do corpo.

Quando foi formalmente aceito como membro da Associação Psicanalítica Internacional em 1920, aos 23 anos, Reich era ainda aluno de medicina na Universidade de Viena. Na psicanálise, logo de início, interessou-se pelo atendimento da população pobre e acabou se deparando com o tema da prevenção.

Sobre esse assunto, segundo seu próprio relato (Reich, 1942/1978), em 1918, no congresso psicanalítico de Budapeste, Freud apontou para a necessidade de fundar clínicas destinadas a atender pessoas que não podiam pagar por um tratamento psicanalítico convencional e indicou que, nessas clínicas, a psicanálise deveria ser mesclada com a terapia por sugestão.

Em 1920, sob a direção de Karl Abraham, uma clínica nesses moldes foi criada em Berlim. Dois anos depois, em 1922, ano de sua formatura, uma outra foi fundada em Viena, na qual Reich trabalhou por oito anos, "desde o dia da sua abertura [até], no fim, como diretor eleito" (p. 72). Vejamos uma comovente descrição reichiana do cotidiano na Clínica Psicanalítica de Viena:

12

Os horários de consulta viviam apinhados de gente. Havia industriários, funcionários de escritórios, estudantes e trabalhadores rurais. A afluência era tão grande que nós não dávamos conta, sobretudo depois que a clínica se tornou conhecida entre o povo. Cada psicanalista concordou em oferecer gratuitamente uma sessão diária. Mas não foi o suficiente. Precisávamos destacar os casos mais passíveis de análise. Isso nos obrigou a procurar descobrir os meios de avaliar as possibilidades de tratamento. Mais tarde, convenci os analistas a dar uma contribuição mensal [...] Uma coisa se tornou logo clara: *a psicanálise não é uma terapia para aplicação em massa.*

A idéia de prevenir neuroses não existia - e ninguém sabia o que dizer a respeito (p. 72/73). Desse modo, ficamos sabendo que, para o jovem psicanalista com profunda preocupação social (Reich, 1990), a experiência nessa clínica psicanalítica popular, além de revelar os limites do atendimento individual convencional, trouxe o tema da prevenção da neurose, que não encontrou eco na produção freudiana da década de 20 que sustenta que a neurose é uma condição inevitável da vida civilizada.

Além da atividade na Clínica Psicanalítica de Viena, caracterizada pelo atendimento à população pobre, Reich, buscando uma atuação de caráter mais preventivo, fundou, em 1928, também em Viena, a Associação Socialista para Consulta e Investigação Sexual.¹³ Essa entidade - que contava com a participação de psicanalistas como Annie Angel, Edmund Bergler e, sua primeira mulher, Annie Reich, oito médicos e um advogado - criou seis centros de aconselhamento espalhados por bairros de Viena.

No livro *People in Trouble* (Reich, 1953/1976), assim o autor recorda o início dos trabalhos:

Espalhamos a notícia de que sexólogos especialistas tinham formado uma organização para fornecer, em vários bairros de Viena, conselhos gratuitos sobre problemas sexuais, educação de crianças e higiene mental em geral [...] Foram dadas palestras sobre higiene sexual, as causas e os possíveis remédios para as dificuldades emocionais. A sociedade assumiu a posição de que a miséria sexual era causada, essencialmente, pelas condições enraizadas na ordem social burguesa e de que ela não poderia ser removida inteiramente, mas que podia ao menos ser aliviada com a ajuda às pessoas (p. 107/108).

¹³ Sobre a orientação socialista dessa Associação, deve-se pontuar que Reich, desde 1927, era membro do Partido Comunista Austríaco e, em 1929, publicou o livro *Materialismo Dialético e Psicanálise* (1929/1977).

Segundo Reich (1953/1976), logo os centros ficaram superlotados, e as principais atividades neles desenvolvidas eram o aconselhamento individual, o fornecimento de informações sobre métodos contraceptivos e as palestras sobre sexualidade de acordo com os princípios da Economia-Sexual - denominação que Reich, progressivamente, passa a empregar para se referir à sua abordagem. Boa parte da procura era feita por mulheres com gravidez indesejada; nesses casos, a orientação era privilegiar o estado emocional da mulher e, muitas vezes, ocorria o encaminhamento para médicos que, sem autorização legal, faziam o aborto.

1.2.1 Couraça e memória inscrita no corpo

Para Reich as inscrições constituintes do corpo, manifestas na couraça caracterial, são o correlato da própria estrutura psíquica, instauradas neste corpo como uma memória dos afetos e representações que constituem o indivíduo.

Neste corpo, onde se afirmam prazer e dor, também se inscreve uma memória, numa relação entre a construção de uma memória corporal - que estaria atrelada à produção de um corpo que precisa recordar da dor para estar inserido no social, assim como *a couraça caracterial* de Reich.

A relação entre dor e construção da memória é apresentada por Nietzsche (1987) na obra *Genealogia da Moral*.¹⁴ Para o filósofo, a memória nasce junto ao social, como uma espécie de inscrição que é feita no homem através de práticas de tortura em seus corpos. Para que o bicho homem se tornasse um bicho domesticado, um corpo dócil e útil ao social nascente foi produzido nele uma faculdade nova: a memória. Ela não é uma instância originária, mas um produto que nasceu com a ajuda de procedimentos sanguinários que

¹⁴ Segunda dissertação, aforismo 3.

tenham por objetivo reter, em seu corpo, pela dor, a lembrança de um “não quero” que o possibilitaria usufruir dos benefícios da sociedade.

Pense-se nos velhos castigos alemães, como o apedrejamento (- a lenda já fazia cair à pedra do moinho sobre a cabeça do culpado), a roda (a mais característica invenção, a especialidade dos alemães no reino dos castigos!), o empalamento, o dilaceramento ou o pisoteamento por cavalos (o ‘esquartejamento’), a fervura do criminoso a óleo ou vinho (ainda nos séculos XIV e XV), o popular esfolamento (‘corte em tiras’), a excisão da carne do peito; e também a prática de cobrir o malfeitor com mel e deixá-lo as moscas, sob o sol ardente. Com a ajuda de tais imagens e procedimentos, termina-se por reter na memória cinco ou seis não quero, com relação aos quais se fez uma promessa, a fim de viver os benefícios da sociedade - e realmente! Com a ajuda dessa espécie de memória chegou-se finalmente à razão.

Ou seja, domesticando a sua animalidade original ele agora se transforma em um “ser de cultura” e, para tanto, precisou se tornar em “ser confiável”, aquele que promete. Este procedimento, por sua vez, tem uma relação direta com a produção de um determinado corpo, marcado pelo ressentimento, pela má consciência e pela culpa, conceitos trabalhados por Nietzsche na mesma obra, na qual menciona a relação da dívida com a culpa que dela se origina, revelando que a relação contratual entre credor e devedor nos remete a formas básicas de compra, venda, comércio, troca, tráfico, estando intrinsecamente ligada à relação entre dano e dor.¹⁵

O castigo, portanto, estaria para além da responsabilização pelo ato, mas como efeito e expressão mesma da raiva, devida ao dano sofrido que encontra seu equivalente e compensação infligindo a dor de seu causador.

Nietzsche nos mostra que já em épocas remotas, o devedor comprometia-se por meio de um contrato que empenhava o credor ao pagamento, através de algo sobre o qual ainda possuísse poder, tal como seu corpo, sua mulher, ou mesmo sua vida, podendo infligir sobre o

¹⁵ A noção nietzschiana de ressentimento está atrelada a concepção de um tipo de homem escravo da memória que paralisa suas forças vitais porque está a serviço da atribuição de culpas e de ódio a vida endereçada a terceiros, ao passo que a má consciência e a culpa é também um envenenamento do espírito, porém aqui, o homem passa a ter ódio de si mesmo, porque se sente devedor e culpado. Tanto em um tipo quanto no outro, o que vemos é um desdobramento do ressentimento que ganhou contorno e força em função de um prodigioso, rigoroso e cruel adestramento corporal.

corpo do devedor toda sorte de humilhações e torturas, até mesmo cortar tanto quanto lhe parecesse proporcional ao tamanho da dívida.

William Shakespeare¹⁶ em sua peça “Mercador de Veneza”, nos remete a uma situação que retrata esta prática e expõe toda uma tradição de sua época (séc. XVI), através dos princípios e leis rígidas impostas, principalmente aos estrangeiros e também o preconceito da sociedade cristã em relação ao povo judeu.

Nesta época, viviam em guetos (periferia) e eram reconhecidos nas ruas pelo bojo vermelho na cabeça, o que fazia com que fosse reconhecido como “povo do mal”.

O enredo do dramaturgo inglês transita pelo penhor de uma libra de carne, um contrato, cujo viés jurídico é garantido mediante homologação com todos os desdobramentos legais subseqüentes, que se tornam no decorrer da narrativa, uma argumentação em torno da pura expressão da vingança e do ressentimento pela opressão e sujeição, vivida na pele por Shylok, o agiota judeu.

Apesar do preconceito que os distanciava, o empréstimo se deu por necessidade de Antônio e sua total descrença naquela ocasião em sua impossibilidade de pagar ao judeu no futuro. Shylok, além da referida libra de carne, exige escolher a parte do corpo do cristão Antônio de onde ela será retirada, como pagamento pela dívida contraída.

Durante anos, tal peça foi encenada trazendo discussões ou mesmo pregando o anti-semitismo. Nos territórios nazistas, tornou-se a mais popular de Shakespeare nos anos 30 e 40 e após a segunda guerra Mundial, a história tornou-se constrangedora e passou a ser exibida somente com interpretações voltadas a expôr as mazelas do preconceito vivido pelo próprio Shylok.

¹⁶ Convém salientar que Nietzsche era um admirador da obra shakespereana, tendo em vista que, para o filósofo, este escritor não era refém da moralidade dos costumes. Ao contrario, Nietzsche, no aforismo 240 de *Aurora* afirma que o teatro de Shakespeare não tem efeito moral, pois movimenta-se no horizonte de imagens da vida cheia de paixão e tragicidade.

Trata-se, portanto de uma das obras mais polêmicas do autor, escrita no findar dos anos 1500, anos em que os judeus estiveram ausentes da Inglaterra (foram expulsos em 1290 e só seriam novamente aceitos em 1655), captando as mais chocantes caricaturas feitas pelos ingleses.

As expressões exacerbadas de Shylock, quando manifesta sua ira aos cristãos que não “valorizam” seu povo judeu, tais como: “Que meu povo seja amaldiçoado, se um dia eu perdoar esse homem”, expressam o ressentimento a que se refere Nietzsche, ao evocar tais relações contratuais.

Ele opera com esta noção a fim de mostrar-nos que a equivalência em substituir uma vantagem relacionada a um dano por uma satisfação íntima concedida como reparação e recompensa, nos permite pensar junto com Nietzsche, como a “satisfação de quem pode descarregar seu poder sobre um impotente” (GM, II, p.54), reflete o prazer em ultrajar, tanto maior quanto a posição do credor na ordem social, servindo mesmo como antegozo de uma posição mais elevada, participando assim de um direito de senhores, podendo maltratar e desprezar alguém dito inferior, como manifestação de poder.

Da mesma forma, a culpa (a origem política da culpa é algo que nos interessa para desconstruir a culpa como algo natural ou inerente à condição humana, como aparece geralmente nas práticas psi) se origina na mais antiga e primordial relação entre comprador e vendedor, credor e devedor, confrontando-se e medindo pela primeira vez uma pessoa com outra, constituindo o pensamento do homem. Poder-se-ia mesmo situar aí, o primevo impulso de sua primazia diante dos outros animais, expresso também pela consciência que mede e valora.

O ato de comprar e vender são tão antigos quanto qualquer forma de organização social ou aliança, onde nasce juntamente com a troca e o débito, o hábito de comparar e

calcular poder. Entre os homens de poder equiparável, firma-se, portanto um compromisso de acomodarem-se entre si, com relação a outros de poder menor .

O poder antecede o trabalho, o econômico é uma derivação do político e é a emergência do Estado que determina o aparecimento das classes, já que esta relação de dívida instaura a emergência do poder numa sociedade.

Neste caso vemos o poder incidindo sobre o corpo e a lei, aprisionando e se apropriando de uma libra de carne em exercício da sujeição e em Kafka, podemos pensar na

inscrição da lei sobre o corpo, onde se gravava o parágrafo transgredido na pele do culpado, mesmo que ele desconhecesse a sentença que o atingia..

A idéia é que o conhecimento seria inútil, o objetivo é que se apreenda no próprio corpo a significação do castigo e da lei, decodificando-a não com os olhos , mas com as feridas sulcadas no corpo em forma de palavras, evocando o surgimento das tatuagens sobre a testa e as faces dos prisioneiros russos, onde também inscrevia-se sobre os corpos, marcando os que estavam fora da lei.

Em algumas sociedades indígenas, os ritos de passagem iniciavam muitas vezes os jovens, marcando o ingresso também na fase adulta, utilizando seus corpos como lugar de registro de passagem do tempo e do destino que os aguarda, inscrevendo no corpo a aquisição de um saber que o lança no social.

A intensidade do sofrimento ocasionado pelo rito chega ao seu limite máximo, a tortura é a essência do ritual de iniciação, onde a crueldade imposta ao corpo, visa avaliar a capacidade de resistência e tornar a sociedade confiante na qualidade de seus membros.

A estreita relação entre tortura e memória se faz aqui, através da forma que ensinam algo a seus membros: as marcas e as cicatrizes, depois de “esquecido” o sofrimento, subsistem como comprovação da coragem do iniciado. A sociedade imprime no corpo dos jovens, sua marca e sua lei.

Para Clastres, “A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impresso em si os sulcos da lembrança – o corpo é uma memória.”

O segredo que se revela é que através das marcas se identifica o jovem como parte do grupo, a fim de que não esqueça que nenhum deles é inferior ou superior aos outros, inscrevendo a lei sobre a superfície dos corpos, a lei conhecida na dor que serve de fundamento à vida social do indivíduo, afirmando a recusa em correr o risco da divisão.

A força motriz que impulsiona orgulhosamente o jovem em direção a crueldade da iniciação, guardando silêncio, não é um impulso masoquista, mas a fidelidade a lei e o desejo de ser igual aos outros de seu grupo.

O corpo encouraçado de Reich traz nele inscrito a lei e o social sem cortes ou sulcos, mas pela disciplina. Corpo que é despotencializado, porque escravo de valores utilitários, contrários a sua expansão tornando-o moldado e encouraçado.

Não é mais necessário extorquir dele uma libra de sua carne ou tatuar nele a lei, a memória se inscreve de dentro pra fora e de fora para dentro. Está viva neste corpo pulsátil que se bloqueia, reproduz discursos através da sua postura, mas que também resiste no que insiste em pulsar.

Não é apenas no corpo do soldado, do indígena ou do mercador que as marcas se apresentam, mas em todo corpo. E são muitos os corpos... São corpos esculpidos, hercúleos e apolíneos, corpos mitigados, corpos vitorianos, corpos dóceis, corpos assexuados, corpos nobres, soberanos, proletários e hoje, na contemporaneidade, corpos produzidos, esteticamente perfeitos, condicionados, construídos e controlados pelo capital.

Neste sentido, convém nos reportarmos a Foucault (1988) em *História da Sexualidade I – Vontade de Saber*, que constrói sua análise da história da sexualidade a partir de uma perspectiva genealógica, isto é, aquela que formula as condições e circunstâncias onde um

determinado saber se forma, retirando de cena a interpretação hegemônica que universaliza e essencializa os fatos históricos.

Em outras palavras, Foucault, nos mostra que há toda uma rede de discursos que atendem a uma vontade de saber; isto é, toda uma tecnologia se formou com o objetivo de fazer com que o sujeito falasse de si mesmo – “diz-me teus desejos e eu te direi quem és” – e acreditasse que a incitação a esta fala lhe traria paz e felicidade, quando na verdade, esta incitação tem como propósito formar identidades e, por conseguinte, produzir um controle sutil sobre corpos e mentes através de uma fabricação serializada de organismos insípidos, mobilizados pelo capitalismo.

Por este motivo, a sexualidade tornou-se, para Foucault, um dispositivo de análise, isto é, uma rede que pôs em ação discursos, instituições, leis enunciados, em suas palavras: “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por ele”.

Foucault vai ainda nos falar da biopolítica que desde o século XIX fez do corpo, da saúde e da sexualidade alvos fundamentais de um poder sobre a vida num processo de progressiva estatização do biológico e hoje vivemos uma cultura do corpo que acaba afastando as pessoas do mundo e com isso produzem-se subjetividades voltadas para si mesmas preocupadas com a saúde e perfeição corporal e, portanto esvaziadas politicamente, o que seria mais uma das inúmeras estratégias do poder.

No passado, as sociedades de soberania¹⁷ eram os rituais de suplícios, na sociedade disciplinar a produção de corpos dóceis. No primeiro produz-se o corpo supliciado, no

¹⁷ As sociedades de soberania, vigentes na Antiguidade e período Medieval, caracterizam-se por uma forma de poder baseada numa relação dissimétrica entre dominante e dominado. Onde o soberano extrai, retira algo do servo e não é obrigado a dar nada em troca. Esta “troca”, quando acontece, se dá sob a forma de doação ou serviços, como é o caso da proteção contra outros povos na guerra. O soberano extrai o tempo, a força de trabalho e os produtos. Exerce seu poder a partir de reatualização periódica e demonstra sua força através dos suplícios e violência explícita aplicada às coletividades. A individualização do poder exige a multiplicação do corpo do rei expressa nos mecanismos de centralização. Sucedendo as sociedades de soberania, têm-se a constituição progressiva das sociedades disciplinares, nos séculos XVIII e XIX, atingindo seu apogeu no início do século XX, que caracterizam uma mecânica de poder completamente diferente, calcadas nas disciplinas. (NEVES, Cláudia E. Abbês Baêta. Sociedade de Controle, o neoliberalismo e os efeitos de subjetivação. In: SILVA, André do et al. (Org.). Subjetividade: questões contemporâneas. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 84-91.

segundo, o corpo objeto de saber. Na atualidade podemos inferir que o poder esta para além do corpo-indivíduo, ou seja, o poder sobre a vida engendra-se no controle da população, no biopoder. Foucault (1988, p. 131) dirá que: “A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida”.

Não é possível submeter à vida a tantas e inócuas tentativas de predição e controle de comportamento, sem que algo transborde. Esta nova dinâmica de poder sobre a vida traz sérias conseqüências sociais, como por exemplo, a produção da violência e a criminalização de parcelas da população que não são úteis ao capital. Corpo e vida transbordam inseparáveis que são no universo do desejo. E aqui nos lembramos de Reich que atrela o desejo ao social, como pontua Deleuze (1976, p. 46-47), no *Anti-Édipo*, quando afirma que Reich redescobre o problema fundamental da filosofia política que quando recusa invocar um desconhecimento ou uma ilusão das massas para explicar o fascismo e pede uma explicação pelo desejo, em termos de desejo, já que o campo social é percorrido pelo desejo sendo ele seu produto historicamente determinado, não sendo necessária, para a libido, nenhuma mediação para investir as forças produtivas e as relações de produção. Diz Deleuze: não há senão desejo e o social, e nada mais.¹⁸

1.3 Caráter

A noção de caráter é central na obra reichiana e propõe a idéia de uma dinâmica funcional ou mecanismo de defesa, portanto intimamente relacionada à couraça muscular, uma vez que trata da forma como o indivíduo se organiza psiquicamente.

¹⁸ Esta questão será desdobrada mais adiante e aprofundada no último capítulo.

Os tipos de reação defensiva se articulam entre si e formam como uma unidade o caráter, cuja função é decidir os destinos das pulsões que quando não são sublimadas ou gratificadas são impedidas de seguir seu curso e emergem na forma de sintomas.

Para Reich, o sintoma é o sinal de que houve uma falência da função do caráter como um todo, já que um traço de caráter foi alhures a melhor resposta para uma determinada angústia, e, portanto, por esta razão mesma é natural que resista a sua desmontagem em análise, o que é imprescindível para que haja a livre associação. Reich entende que a livre associação só é possível após uma análise sistemática da resistência, compreendendo como ela atua e a que se dirige. Para ele não é possível entender o sintoma como algo isolado, mas como um sinal localizado que desponta como manifestação da angústia de um organismo que adoece como um todo.

Para Reich o homem é ao mesmo tempo sujeito da história e do processo social do qual é também autor, sempre condicionado a pressupostos econômicos e culturais determinantes, não sendo possível desvincular o aparato pulsional da sua relação direta com a ordem social que molda as estruturas psíquicas dos membros da sociedade e se reproduz no povo. O fundamental é que, na sua perspectiva, as estruturas caracterológicas de um povo ou sistema social não são apenas o espelho deste sistema e sim sua própria ancoragem na ordem social.

Ele propõe que seria necessário abandonar aqueles conceitos psicanalíticos que explicam a cultura e a história humana com base em pulsões sem levarem em conta que as condições sociais devem primeiro ter influenciado as condições humanas antes de essas pulsões e necessidades transformadas poderem começar a ter um efeito como fatores históricos.

Para ele, cada organização social produz as estruturas de caráter que necessita para existir. Na sociedade de classes, a classe dominante existente assegura seu domínio com o

auxílio da educação e instituição da família, tornando suas ideologias dominantes sobre todos os membros da sociedade.

Para Reich, a tarefa da clínica é objetivamente traçar os caminhos e mecanismos através dos quais a existência social dos homens se transforma em estrutura psíquica e conseqüentemente em ideologia, entendendo ainda que a produção ideológica deva ser diferenciada de sua reprodução.

Esta reprodução é para ele também objeto da psicanálise e, portanto da clínica, já que diz respeito à existência material imediata, alimentação, trabalho, habitação vestuário, modos de vida e satisfação das necessidades e também ao que chama de superestrutura social, com suas leis, sua moral e instituições, que simultaneamente afetam o aparelho pulsional, determinando a transformação da base material em superestrutura ideológica, idéia que para nós se assemelha a noção de modos de subjetivação no qual não é possível desatrelar indivíduo e sociedade na sua construção.

A proposição reichiana de caráter se aproxima então da idéia de “ontologia histórica de nós mesmos” desenvolvida por Foucault, que aponta para uma análise genealógica do homem. Nesta, o autor afirma que o capitalismo nunca foi apenas um empreendimento de acumulação de dinheiro, mas um empreendimento de acumulação de homens, de gestão de massas humanas. Esse tipo de gestão necessita de uma grande rede de agentes sociais cuja subjetividade também necessita ser produzida historicamente.

Desta forma o homem é objeto de suas próprias necessidades e ao mesmo tempo sujeito da sua história e processo social, do qual ele mesmo é o autor, determinado por pressupostos econômicos e culturais. A ordem social molda as estruturas psíquicas de todos os membros da sociedade, se utilizando e transformando o aparelho pulsional, se ancorando afetivamente nele, tendo como mais importante representante desde os primórdios da propriedade privada dos meios de produção a família patriarcal.

É na ancoragem da ordem social na estrutura do caráter que pode residir a explicação da tolerância que verificamos em classes oprimidas diante do domínio exercido por uma classe superior que sobre ela exerce o seu poder repressivo e autoritário, ainda que isto contrarie seus próprios interesses. É precisamente na formação da estrutura libidinal que se demonstra a simultaneidade entre a ancoragem de uma ordem social e as das condições psíquicas que ancoram esta mesma ordem na estrutura do caráter.

Como diz Reich, o espantoso não é que as pessoas roubem, que outros façam greve, mas antes que os famintos não roubem sempre e que os explorados não façam sempre greve: porque os homens suportam desde séculos a exploração, a humilhação, a ponto de querer isso, não apenas para os outros, mas para si próprios (DELEUZE e GUATTARI, 1976, p. 47).

Essas situações, embora envolvam fenômenos de ordem psicológica, não podem ser compreendidas à luz apenas das vicissitudes de uma infância, de experiências familiares, lembrando como a famosa frase - *As massas desejaram o fascismo* – só pode ser compreendida no contexto de uma teoria do caráter que formule o desejo associado às lutas políticas, ao coletivo. Por isso, “mesmo as forças mais repressivas e mais mortíferas da reprodução social são produzidas pelo desejo, na organização que deriva dele sob esta ou aquela condição que deveremos analisar” (DELEUZE e GUATTARI, 1976, p. 46).

Um desejo que almeja sua própria destruição, na perspectiva reichiana é sempre secundário, como efeito de um campo social organizado para produzir uma economia libidinal mortífera, mas que não necessariamente se expressa como sofrimento psíquico, mas como resistência veemente a novas formas de ser e estar no mundo, e, o que mais nos preocupa, como resistência a tudo que se manifesta como força afirmativa de vida, tal como a sexualidade e o afeto.

Rauter nos aponta como os conceitos de caráter e de praga emocional estão ligados, nos lembrando que estão presentes simultaneamente, possibilitando que pensemos num

campo de interseção entre o campo da produção desejante e o campo social, uma vez que encontramos a couraça caracterial tanto no neurótico, quanto no agente social atacado de praga emocional.

Ela nos recorda como a praga emocional é algo a que todos estamos sujeitos, e o quanto isto pode explicitar o grande temor ao novo que toma forma como obstáculos que costumam se interpor, na luta política, à alteração de modos de vida e de trabalho fortemente arraigados, ainda que aparentemente se deseje a mudança.

1.4- Peste ou Praga Emocional

O porquê de o funcionamento vital (inclusive o pensamento racional) ser tão temido, constitui um dos grandes mistérios da estrutura irracional humana. Wilhelm Reich (1951/52), em "People in Trouble - The Emotional Plague of Mankind", Ed. Farrar, Straus and Giroux, 1976.

A peste emocional é uma biopatia crônica do organismo humano que fez sua aparição na sociedade com a primeira repressão em massa da sexualidade genital, tornando-se uma doença endêmica. Manifesta-se essencialmente na vida social, e tem como resultantes biopatias tais como a esquizofrenia e o câncer.

Reich cita como ilustração de exemplos da manifestação da peste emocional a Inquisição Católica da Idade Média, o Fascismo no século XX e afirma que ela representa uma grave ameaça a vida. Ligada intimamente ao caráter neurótico se apresenta evidentemente como reações irracionais, o que se pode distinguir na medida em que se verifica seu caráter destrutivo e sempre possui nas suas raízes invariavelmente a angústia ou a raiva.

Uma característica básica e essencial da peste emocional é que ação e reação nunca coincidem, diz Reich, o motivo real está sempre escondido e o falso é apresentado como razão

da ação. No indivíduo saudável o motivo, ação e objetivo formam uma unidade orgânica e suas características não podem ser alteradas em essência. Pode-se curar a avareza, não a generosidade, pode-se eliminar a impotência, mas a potência genital é incurável.

A energia que alimenta a peste deriva da frustração genital e faz exigências de vida não apenas ao próprio indivíduo, mas a todos que o rodeiam, impondo sua forma de vida, não tolerando opiniões contrárias, nem sendo acessível a mudanças de opinião ou comportamento e só pode ser curada pelo restabelecimento da capacidade natural de amar.

Define uma vez mais, afirmando que a peste é um comportamento humano que, com base numa estrutura de caráter biopática, age de maneira organizada ou típica em relações interpessoais, sociais e instituições.

Ela se manifesta nas esferas mais importantes da vida e Reich (1998) exemplifica suas manifestações:

(...) misticismo em sua forma destrutiva, sede de autoridade passiva e ativa, moralismo, biopatias do sistema nervoso autônomo, política partidária, peste familiar, a que chama “familite”, métodos sádicos de educação, tolerância masoquista destes métodos ou revolta criminosa contra eles, fofoca e difamação, burocracia autoritária, ideologias de guerra imperialista, tudo que entra no conceito americano de racket (negociata), criminalidade anti-social, pornografia, agiotagem, ódio racial, coincidindo com todos os males sociais que sempre foram combatidos por movimentos sociais de libertação, a esfera da peste emocional coincide com a da reação política e seu principio em geral.

Reich afirma que a peste se enfurece automaticamente com as funções naturais do organismo vivo, pois não há nada que odeie mais, o indivíduo acometido da peste não se contenta com uma atitude passiva distinguindo-se por uma atividade social mais ou menos destruidora da vida, governado pela irracionalidade, onde pensamento e ação não coincidem.

1.5- Potência Orgástica

Reich insistia, já em 1923, que não era possível imaginar nenhuma enfermidade psíquica sem considerar sua relação direta com uma perturbação genital, postulando que para o sucesso desta superação, seria necessário estabelecer a capacidade para a satisfação genital plena.

Durante a exposição de uma de suas principais comunicações intitulada “Sobre a Genitalidade do ponto de vista da prognose e terapia da psicanálise”, publicada no ano seguinte, foi ouvido com atenção, mas esta afirmação não foi aceita, sob a alegação de alguns analistas que entendiam que havia pacientes masculinos que não pareciam ter qualquer perturbação genital, apresentando, portanto, uma vida genital absolutamente sã.

A partir daí, Reich (2004, p.91) analisa se esta afirmação poderia afastá-lo de seus conceitos fundamentais tais como a energia sexual reprimida, já que um homem era considerado potente quando era capaz de realizar o ato sexual, sendo mesmo apreciado entre os círculos masculinos a quantidade de vezes que poderia um homem executá-lo numa mesma noite, sendo defendido mesmo por um psicanalista que a potência seria a capacidade de um homem exercer sua performance no ato sexual com uma mulher de tal forma que lhe causasse uma inflamação na vagina.

Tal afirmação reforça em Reich o entendimento de que de fato estava certa a sua hipótese, que residia aí o cerne e a fonte de energia dos sintomas neuróticos, mostrando como as pessoas confundem o ato sexual puramente animal com a posse amorosa.

Quanto mais se livrava da reserva delicada, da polidez excessiva que evitava infiltrar-se na intimidade do relato ao entrevistar seus pacientes, descobria na clínica como os homens mais adoecidos eram justamente aqueles que gostavam de alardear e exhibir uma masculinidade tal a ponto de conquistar tantas mulheres quanto fosse possível numa noite só.

Embora eretivamente potentes, estes homens experimentavam um prazer muito pequeno. Muitas vezes as fantasias que acompanhavam o ato sexual tinham habitualmente atitudes sadísticas ou vaidosas em que as mulheres se sentiam amedrontadas, inibidas.

Para o homem ostensivamente potente, a relação sexual significa penetrar, dominar, ou conquistar a mulher, numa tentativa de mostrar ou ser admirado pela sua potência eretiva, que mascara sérias perturbações de ereção e ejaculação, não havendo em nenhum dos casos o mais leve comportamento involuntário ou perda da atividade consciente no ato sexual.

Reich então propõe o fundamental conceito de que *o papel da impotência orgástica na economia sexual é semelhante ao complexo de Édipo para psicanálise*, sendo sobre ela erigida toda a natureza das implicações da miséria sexual.

Desenvolve então a teoria do orgasmo, em 1923, de forma a incluir os componentes funcionais, econômicos e experimentais, sem os quais ela não poderia existir sendo a potência eretiva e a ejaculação apenas pré-condições indispensáveis da potência orgástica.

Reich (2004, p. 94) define, então, a potência orgástica como:

(...) a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo.

Ele afirma ainda que nenhum neurótico é orgasticamente potente e as estruturas de caráter da esmagadora maioria dos homens e mulheres são neuróticas. No ato sexual livre de angústia, de desprazer e de fantasias, a intensidade de prazer no orgasmo depende da quantidade de tensão sexual concentrada nos genitais. Quanto mais e mais abrupta é a queda da excitação, na curva tensão, carga-descarga, tanto mais intenso é o prazer, sendo o desenvolvimento da excitação na mulher exatamente o mesmo que no homem. É possível entre homens e mulheres a capacidade de concentrar afeição e sensualidade em um companheiro que corresponde a essa afeição e sensualidade, não sendo a relação amorosa perturbada por fatores internos ou externos.

Reich entende que as fixações edípicas perdem a força quando se elimina a estase simultânea de energia, dependendo diretamente do grau de descarga de energia sexual que o conflito de Édipo se torne ou não patológico. Haveria, portanto uma sobreposição da neurose atual sobre psiconeurose. As dinâmicas da sexualidade pré-genital são diferentes da genital, se as primeiras são reprimidas a segunda se torna perturbada, fortalecendo a distinção entre impulsos primários e secundários.

1.6- Contato

A vida brota a partir de milhares de fontes vibrantes, entrega-se à todos que a agarram, recusa-se a ser expressa em frases tediosas, aceita apenas ações transparentes, palavras verdadeiras e o prazer do amor (...) Wilhelm Reich (1939), em "Beyond Psychology", Ed. Farrar, Straus and Giroux, 1994.

Reich concebia a couraça como a soma total de todas as forças de defesa recaladoras, que poderiam ser dissolvidas pela análise do caráter, porém, posteriormente, percebe que mesmo depois de desfeitos, certos modos formais de comportamento, permanecia um resíduo de certa forma intangível e indefinido.

Neste lugar, onde as exigências pulsionais recalçadas se opunham às próprias forças defensivas que mantinham o recalque, forma-se um bloco duro, uma unidade funcional, a que Reich se refere como falta de contato psíquico. Esta falta de contato se manifesta como certa apatia ou distanciamento profundo em relação ao mundo e seus objetos, com uma rígida inflexibilidade.

Entre as exigências recalçadas e as defesas, existiria como uma terceira camada a falta de contato, que se apresenta não como uma composição de forças, mas como seu efeito manifesto como resultante estática de duas correntes libidinais opostas.

Este fenômeno estabelece-se como certo equilíbrio, uma condição aparentemente estática no fluxo da libido, equivalente a uma inibição, no ponto tal em que a corrente vegetativa se volta para o mundo externo e a que se volta para o ego se cindem.

Surge aí, então, uma situação de paralisia e rigidez, que se mostra como uma impossibilidade de expressar-se ou de perceber afetos e sentimentos, onde o isolamento interno e a tendência ao refúgio dentro de si mesmo, a clivagem e a ambivalência são manifestações deste paradoxo. A apatia é o resultado do equilíbrio criado pelas duas forças opostas, como um bloqueio afetivo.

A mobilização da couraça nos faz observar uma alternância entre a corrente vegetativa e o bloqueio, sendo esta transição fator primordial para a nossa prática clínica, que visa o restabelecimento do fluxo vegetativo.

Reich menciona que na guerra observavam-se certas condições de exacerbado bloqueamento afetivo, principalmente nas descrições dos prisioneiros políticos submetidos à tortura, onde a oscilação contínua e intolerável ao aparelho psíquico transborda como embotamento, a par de indizíveis sensações, impossíveis de serem narrados em sua totalidade devastadora.

Primo Levi (1988, p. 35) nos aponta no relato do cotidiano dentro do campo de Auschwitz, como seu corpo já não lhe pertencia, jazendo em vida, num estado de amortecimento, onde toda a memória corpórea deve ser apagada a fim de sobreviver ao holocausto. Torna-se, para tanto, necessário isolar-se e esperar. O autor diz:

Resolvêramos encontrar-nos, nós, italianos, cada domingo à noite, num canto do Campo, mas paramos logo com isso; era triste demais contar-nos, encontrar-nos cada vez em menor número cada vez mais disformes, esqueléticos. E custava caminhar até lá, por perto que fosse; e, ainda, encontrando-nos, aconteceria lembrar, pensar... melhor não.

Este estado que favorecia o isolamento e, portanto, um esvaziamento do espaço coletivo, minava ainda mais qualquer força afirmativa de resistência a que se pudesse acessar e confere ao prisioneiro um estado de profunda mortificação. Tal estado se assemelha ao que Reich define como perda do contato, resultante de um conflito de forças e não de uma atitude passiva ou consolidação de uma dinâmica.¹⁹

Os impulsos sexuais, a agressão ou angústia reaparecem no momento em que o entorpecimento desaparece, irrompendo os afetos e restituindo a propriocepção e a mobilidade vegetativa.

A falta de contato e a ausência fisiológica de sensações se enraízam na forma como se constituem no cerne da nossa subjetividade e dos modos de estar no mundo e está, portanto, diretamente relacionada ao encouraçamento e ao caráter, dando subsídios à sua rigidez.

Como um reflexo da angústia do orgasmo, ou seja, o medo de contato orgástico se expressa como uma experiência de vazio e aprisionamento interno, uma sensação de desistência resultante de uma impossibilidade, desde tenra idade, de verbalizar e expressar sentimentos e desejos.

Este medo do contato com as coisas, pessoas e experiências constitui o núcleo mesmo do medo orgástico e também do contato psíquico direto e genuíno com os processos de realidade, muitas vezes regredindo a fixações infantis, quando diante da possibilidade de estabelecer contato orgástico genital.

Quanto mais a mobilidade vegetativa for reprimida mais difícil será o desenvolvimento de relação com o mundo e objetos de amor e mais se desenvolvem funções de contato substituto, facilmente reconhecidas a partir da plena compreensão do contato genuíno e direto.

¹⁹ Retomaremos esta discussão no capítulo Corpo e Clínica, no qual trataremos da questão do horror, do susto e do desmentido, como alude Freud posteriormente Ferenczi, se referindo àquilo que não é possível simbolizar produzindo um estado de impasse onde não é possível produzir um sentido capaz de reorientar o curso da libido.

O contato substituto se apresenta sob a forma de comportamentos artificiais e estereotipados, tais como adesão rígida a pontos de vista, incapacidade de mudar de opinião, promiscuidade, modéstia afetada, racionalismo exagerado, maneira de falar requintada ou afetada, camaradagem falsamente efusiva, conversa convencional, acanhamento, donjuanismo, postura altiva, conversa obscena, requebrar-se afetadamente, modos arrogantes, etc.

Para Reich, tais formações substitutas são governadas por um isolamento afetivo que regula os modos de comportamento das pessoas, ao contrário dos modos simples e atraentes do caráter genital e são um reflexo da posição e classe social que se revela como uma formação artificial em conflito permanente com a natureza verdadeira e direta, vegetativamente determinada, contrária as máscaras do caráter tão respeitadas pelo cidadão comum.

Reich estabelece diferença entre o ritmo sexual vivo e o charme sexual estudado, entre a dignidade natural sem afetações e a dignidade fingida, entre a modéstia genuína e a falsa, entre a expressão de vida genuína e a representada, entre o ritmo muscular vegetativo e o balançar proposital dos quadris, entre a fidelidade que nasce da satisfação sexual e a que nasce do medo e da moral, bem mesmo como a diferença que existe entre a estrutura psíquica revolucionária e a conservadora, entre uma vida viva e a substituta sem significação para a vida.

Para ele, nas ideologias de todas as organizações sociais autoritárias, a vida vegetativa tem sido sempre posta em confronto com a cultura, sendo esta última representada comumente por uma função substituta, desprovida de vida tal como frutos secos, cuja energia está congelada e fixada.

Ele entende então a vida social estereotipada do homem como uma vida substituta, o trabalho como uma obrigação imposta, o amor, um amor substituto, o ódio também substituto,

confluindo para uma dinâmica humana que atua de modo reativo como resultado e exigência das organizações sociais. Postula então a questão que aqui nos importa: Qual o lugar deste funcionamento psíquico desencouraçado, numa clínica bem sucedida e sua relação entre a realização social e a sexualidade?

Veremos mais adiante, como é difícil para um caráter ancorado na genitalidade viver numa sociedade que valoriza suas máscaras e se ancora na rigidez de suas couraças, sendo sempre surpreendente a espontaneidade, a leveza e a liberdade. É assim, portanto impossível, desarticular a nossa clínica da realidade social, bem como o funcionamento libidinal dos aspectos sociais que nele intervém.

Assim nos deparamos com uma impossibilidade de desarticular clínica e política, na medida em que nossas intervenções por ventura desorganizem todo sistema de crenças e valores estereotipados, inscritos no corpo e na psique.

Mais impossível ainda se compreendermos que o sentido de genital para Reich é diferente do sexual, sendo aquilo que se manifesta de forma autônoma e auto-regulada, num movimento dirigido ao trabalho e a realização e não apenas ao prazer sexual. Genital é trabalhar, conhecer, amar, realizar de forma orgasticamente potente, afirmando a pulsação da vida em toda a sua intensidade.

Pulsação esta presente no corpo fisiológico, presente no aparelho psíquico, no campo energético que se estabelece nas relações objetivas e coletivas, simultâneo ao que ele mais tarde postula como uma energia cósmica, que rege todo funcionamento do universo. Tudo pulsa, tudo que é interrompido adoece.

Encontramos a resistência que obstrui o fluxo energético no mundo caoticamente orientado para o moralismo que permeia todas as suas instituições, normas éticas e organizações políticas em oposição a um trabalho orientado pelo interesse objetivo, o que nos leva a pensar que Reich já pensava uma clínica política, capaz de intervir para além da busca

arqueológica num inconsciente profundo e repleto de representações a serem interpretadas, mas capaz de potencializar o homem para vida.

Para Reich, a sua base clínica estava em processo de desenvolvimento, sendo das tarefas mais difíceis, desde a aplicação da análise caracterológica individual a uma reestruturação coletiva através da educação. Muito se desenvolveu acerca do trabalho corporal, somando as proposições reichianas novas possibilidades de intervenção como ele já anunciava, posto que foi, assim como Freud, desenvolvendo sua teoria a partir da sua prática. Dedicou-se também a muitas pesquisas para sedimentar a possibilidade de intervenções sociais, campo social que lhe era ainda mais caro, tais a fim de preparar a sociedade para a recepção das Crianças do Futuro, as Crianças do Porvir.

1.7- Auto regulação

*Para ser grande, sê inteiro:
nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago
a lua toda Brilha,
porque alta vive.*

Fernando Pessoa

A auto regulação segue as leis naturais do prazer e não apenas é compatível com os instintos naturais como é funcionalmente idêntica a eles, ao contrário da regulação moralista que cria uma aguda contradição psíquica ao opor-se a natureza, impedindo a circulação eficiente de energia no organismo humano. Ela elimina a energia de um desejo irrealizável, transferindo-o para outro objeto e alterna constantemente entre tensão e relaxação e é coerente com todas as leis naturais.

Uma estrutura moralista adere a leis rígidas, enquanto a auto regulada realiza seu trabalho, em harmonia com seus interesses sexuais. Na auto regulação o trabalho é uma atividade agradável de prazer e não um dever cansativo ou apenas uma necessidade material.

O indivíduo regulado pela moral compulsória não se agrada da felicidade sexual dos outros, o que lhe desperta críticas e mau humor, ao contrário do que se relaciona com ela como uma atividade de prazer e nada mais.

Para Reich, a regulação moralista não pode ser eliminada, a menos que seja substituída por algo diferente e melhor, porém ele verifica a partir da prática clínica que o caráter livre e auto regulado entusiasma e assusta, justamente por ser expressão de uma relação simples e natural com a vida e o desejo.

Capítulo II

Corpo, Arte e Clínica

senhor poderia me dizer, por favor, qual caminho devo seguir para sair daqui? - disse Alice.
Depende muito de onde você quer chegar. – disse o Gato
Não me importa muito onde...- disse Alice
Então não importa o caminho - declarou o Gato.
Desde que eu chegue em algum lugar... – acrescentou Alice, como uma explicação.
Ah, disse o Gato, é certo que chegará a algum lugar, é só caminhar o bastante... (CARROL, 2007).

Ao pensarmos uma clínica partindo do referencial reichiano, nos deparamos inevitavelmente com um ideal de saúde, ancorado pelo conceito de genitalidade, ou seja, um modelo de indivíduo auto regulado, cujo funcionamento livre e orgasticamente potente o permitiria intervir na sociedade de forma autônoma e crítica, comprometido com seu desejo e com a sociedade.

Silvia Tedesco (2008) aponta que o ideal da busca de conceitos claros e distintos, que se expressa na preocupação com a tradução dos fatos de mundo em formas claramente delimitadas, revela a crença num mundo ocupado por corpos estáveis. Essa paralisação forçada faz com que se percam os aspectos mais dispersivos e ao mesmo tempo, expressivos da variação que lhes é própria, assim, “inexiste o inédito, pois toda e qualquer emergência estaria já antecipada pelo princípio que a regula e a explicitaria como variante de uma função.”

Há, neste tipo de abordagem tradicional, a transformação de um momento em regra geral, em totalidade de um processo e com isso, a clínica aprisiona o corpo e a palavra numa direção pré-definida, não havendo espaço, portanto, para a criação de novos modos de existência.

Assim torna-se necessário a par e passo pensarmos com Deleuze (1997, p.13 e14) que a neurose e a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando se é impedido, interrompido. Tal pensamento nos permite validar a importância dos processos, ao contrário de patologizá-los, entendendo que o mundo é o conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem.

Deleuze nos exemplifica isso com a literatura, que surge como um devir²⁰, como um empreendimento, trazendo devires que uma gorda saúde tornaria impossíveis, que provém de ter transbordado, numa passagem que o esgota, justo mesmo por sua intensidade.

²⁰ Devir (devenir): “Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem uma a qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco

Deleuze (1997, p. 14): “A frágil saúde de Spinoza enquanto dura, dá até o fim testemunho de uma nova visão da passagem da qual ela se abre”, mostrando que as interrupções fazem parte do processo e apontando para a possibilidade de observarmos nele seus eventuais desvios, capazes de nos conduzir a outras paisagens.

Quando Reich propõe um caráter genital e ancora uma resolução da sexualidade no alcance da genitalidade, ele acaba nos propondo também um modelo e não um processo. Colocar tal conceito num patamar universalista esvazia a diferença que a clínica pode produzir quando pensada como espaço caracterizado pela ausência de um ponto de chegada e, por conseguinte, ausência também de um ponto de partida como causalidade. Se pensarmos o caráter universalista também da proposição do Édipo e do quanto nos aprisionamos agora numa apologia da genitalidade, verificamos que estamos operando apenas a substituição de um universal por outro.

Como trazer para clínica as poderosas intervenções corporais, sem nos aprisionarmos a um modelo?

Um primeiro passo talvez fosse olharmos para o corpo já como diferenciação, ou seja, pensarmos que o trabalho corporal possibilita o alcance da experiência de dessubjetivação, onde os deslocamentos que retiram o sujeito de um território conhecido, lançam-no ao encontro de um vácuo do vir-a-ser, uma experiência de desterritorialização e não com uma etapa a ser revivida ou dinâmica a ser nomeada. Desta maneira a própria clínica se transforma, porque possibilita, ou antes, acolhe esta indeterminação.

dois termos intercambiantes. A pergunta ‘o que é que devém?’ É particularmente estúpida. Pois a medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos”. (Zourabichvili, F., o Vocabulário de Deleuze – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004 – Conexões; 24, p.48.).

Outra questão importante também é pensar a genitalidade como potência, como ampliação da vida que não se reduz ao sexo, como uma expansão das forças criativas. Para possibilitar a sustentação de corpos novos que nascem nos encontros que traçamos junto ao mundo, afirmando modos de subjetivação, é preciso que tenhamos escuta para a singularidade, para aquilo que neste corpo é único. Assim, “efetuamos a passagem do lugar de um, enquanto sujeito único, ao lugar de um, enquanto modo: ao invés de uma dor, um modo de doer, de um desvario, um modo de desvairar, de uma trajetória, um modo de traçar”²¹.

E aqui podemos caminhar junto a Espinosa quando nos afirma, na Proposição XXI parte 4, do *Ética*: “(...) ninguém pode ser feliz sem ser, desejar e viver como existir em ato”. Afirmar a singularidade na existência, ao retomar a força e também os esvaziamentos da potencialidade do nosso corpo nos conduz a preservar a clínica reichiana fundamentalmente naquilo que ela possui como seu elemento mais precioso: o amor à vida.

Spinoza propõe aos leitores de Freud uma teoria do desejo não atrelada à falta. Desde Platão o desejo encontra-se referido a falta: o que não se tem, o que não se é, o que nos falta eis os objetos do desejo, do amor. Dialética do desejo, dialética da falta. É preciso então um Deus para complementar esta falta, filósofos para enunciar, terapeutas para escutá-lo. Para Spinoza, cada coisa, na medida em que é nela mesma, se esforça de perseverar no seu ser. O ser é o que ele é, na medida em que ele é ato, isto é, potência de agir e força de existir, e nada falta. Essa potência de viver tem um nome, desejo que é a essência do homem. (NERI, 2005 p.248).

De acordo com Deleuze e Guatarri (1976, p.155), Reich, ao deslocar a égide da neurose do complexo edípico e transpor a dissolução do sintoma na neurose atual através da potência orgástica, Reich nos mostra como era improdutivo priorizar a busca de uma fonte, uma causa para o sintoma na sua origem. Ao relativizar a importância do lembrar e valorizar o resgate do contato neurovegetativo, ele nos mostra ainda sem saber de sua amplitude, um desvio. É esta possibilidade de desvio que nos interessa vivificar na teoria

²¹ PACHECO, Beth, op.cit, p.4

reichiana, entendendo-a como porta de acesso ao fluxo das intensidades que a experiência corporal apresenta.

Deleuze nos recorda que a força de Reich foi mostrar que o recalçamento dependia da repressão tendo a necessidade de formar corpos dóceis, sendo a família o agente disciplinar por ele delegado. Nunca se encontra uma criança presa numa ordem familiar autônoma, para ele, até mesmo o bebê nos seus jogos com as comidas e mediações se acha amarrado a uma produção desejante onde os pais representam o papel de objetos parciais de testemunhas, relatores e agentes, num processo que os ultrapassa por todos os lados e que põe o desejo em relação imediata com o a realidade histórica e social. Daí não decorre dizer que o desejo é edipiano, e sim ao contrário:

É a repressão do desejo ou do recalçamento sexual, quer dizer a estase da energia libidinal que atualizam Édipo e engajam o desejo nesse impasse que se quer, organizado pela sociedade repressiva. Reich foi o primeiro a colocar o problema da relação do desejo com o campo social. (...) Mas, porque não tinha formado suficientemente o conceito de produção desejante, não conseguiu determinar a inserção do desejo na infra-estrutura econômica, a inserção das pulsões na produção social. (...) Resta que Reich, em nome do desejo, fez passar um canto de vida na psicanálise (DELEUZE E GUATARRI, 1976, p. 132).

É nosso caminho entender o inconsciente como máquina, como produção permanente e não como aquilo que deixa de ser “(...) uma usina, uma oficina, para tornar-se um teatro, cena e encenação”. (DELEUZE E GUATARRI, 1976, p. 132).

Ao referirmos o desejo ao Édipo nos limitamos a ignorar o seu caráter produtor, desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto que não se reduz a determinações familiares, mas que comporta estados de coisas e enunciados, estilos de enunciação. Nas dimensões dos agenciamentos é que o desejo corre, nos estados das coisas, enunciações, territórios e movimentos de desterritorialização.

Ao valorizarmos excessivamente a representação transitamos num terreno minado onde a falta nos circunscreve e delimita, em uma permanente repetição fadada ao fracasso ou

uma resolução que sempre rebate sobre a cena edipiana. No próprio impulso da repetição reside a força afirmativa da pulsão e a possibilidade de desvio. Nela mesma, em seu bojo, mora o acesso àquilo que é intenso e, portanto prenhe de vida, é a isso que não pára, que produz e se agencia o tempo todo que aqui chamamos desejo, aquilo que nos excede e portanto não falta.

O desejo é feito de diferentes linhas que se entrecruzam, se conjugam e impedem, e que constituem este ou aquele agenciamento sobre um plano de imanência. Ele constrói seu próprio plano e nada lhe falta, é em seu processo imanente que se preenche de si mesmo, é um continuum de intensidades.

Assim recordamos que, já que é o desejo sempre agenciado, maquinado sobre um plano de imanência ou composição, não há falta ou privação que nele resulte. Não há um desejo interior a um sujeito, nem que tende para um objeto, ele é estritamente imanente a um plano ao qual ele não preexiste, que precisa ser construído, onde fluxos se conjugam.²²

É preciso falar de castração no mesmo sentido que de edipianização e ela é o complemento desta: ela designa a operação pela qual a psicanálise castra o inconsciente, injeta a castração no inconsciente. (...) não acabamos de cantar a ladainha das ignorâncias do inconsciente, ele ignora tanto a castração quanto o Édipo, como ignora os pais, os deuses, a lei, a falta... (...) não diremos também que a questão não é saber se as mulheres são castradas, ou não, mas somente se o inconsciente crê nisso, pois toda a ambigüidade está aí: o que significa crença, quando aplicada ao inconsciente, o que não faz mais do que crer, em vez de produzir, quais são as operações, os artifícios que injetam crenças no inconsciente – não irracionais, mas, ao contrário, demasiado razoáveis e conformes a ordem estabelecida?²³

Para Deleuze, estabelecer uma lei constituída no cerne do desejo, conceber o desejo como falta, a santa castração, o sujeito fendido, a pulsão de morte, a estranha cultura da morte, faz com que pensemos desejo apenas como ponte entre um sujeito e um objeto, de modo que o sujeito do desejo só pode ser cindido e o objeto já de antemão perdido.

²² DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, *Diálogos - Escuta*

²³ IBID, p76

A literatura nos abre passagem, nas palavras de Adélia Prado, transcritas por Neri (2005, p. 257) ao discorrer sobre as questões da diferença sexual, para a liberdade e amplitude de um pensamento que não se aprisiona numa lógica da falta. Ela versa:

Certas psicologias tem infernizado muito as coisas, botado sua pata suja em tudo quanto é lugar, feito o mesmo intervencionismo da religião do chicote. Corpo mais alegre que eu conheci era o meu mesmo, até que me explicaram o significado dos lírios nas imagens dos santos. Agora, com a minha vida no meio, é que achei mais sossego. Em pequena, eu quis muitas vezes ser menino só por causa da molinha que não tinha, achava poderoso, e nunca em nada eu quis ficar por baixo de ninguém, por baixo que eu digo é inferior. Tenho de explicar porque tem muita gente muito maldosa que gosta de interpretar tudo na bandalheira. É uma coisa difícil de deslindar, essa de macho e fêmea. É mais difícil entender coisa do que alma (...) Corpo é fora de série. Com pouco desvio do assunto. Machismo existe, está aí sorrateiro enfiado por tudo que é canto. Se você quiser, pode fazer um comentário obscuro. Que faça. Quero é desabafar (...) Eu falo é sério e falo com crédito, pois desde pequenininha que eu gosto de homem(...) penso que estou certa porque no livro da Bíblia, logo na primeira página está escrito, Deus fez o homem e o fez macho e fêmea e isso quer dizer que somos iguaisinhos no valor. Quase dois mil anos e muita gente não entendeu.

A arte aqui nos recorda de forma viva, o que nos fala Deleuze, de como desejo se encontra fora de suas coordenadas personológicas e objetais, lá onde já não se procura ou apreende um objeto ou tampouco um sujeito. O desejo não supõe um sujeito, “o desejo só pode ser atingido no ponto onde alguém é privado do poder de dizer eu”, de modo que vazios e desertos fazem parte do desejo, porém, não abrem nele falta alguma.

Diz Deleuze:

Que confusão curiosa, a do vazio com a falta. Falta-nos realmente, em geral, uma partícula do oriente, um grão de zen (...) o deserto é um corpo sem órgãos que nunca foi contrário as tribos que o povoam, o vazio nunca foi contrário as partículas que nele se agitam (...), até mesmo a raridade das partículas e desaceleração ou o esgotamento do fluxo fazem parte do desejo, e da pura vida do desejo, sem testemunhar qualquer falta (NERI, 2005, p. 106).

O desejo pensado como produção não é movido pela falta porque seu norte é a criação. A criação traça linhas, ou antes, se compõe de linhas, que atravessam indivíduos ou grupos. Deleuze dirá que podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que outras, não porque sejam determinantes, mas porque de alguma forma nos afetem mais. Também

argumenta que algumas delas nos são impostas de fora, outras nascem por acaso e que outras ainda precisam ser inventadas, sem nenhum modelo nem acaso. Definirá então, três espécies de linhas: molar, molecular e abstrata. Estas linhas não se encontram separadas, mas emaranhadas umas nas outras, configurando modos de existência. A linha molar, também chamada de linha de segmentaridade dura, se refere a segmentos bem determinados que circunscrevem territórios definidos, como família, profissão, escola, fábrica, envolvendo um certo plano em que a um só tempo se conjugam as formas e seu desenvolvimento, os sujeitos e sua formação, ou seja, implica num plano das formas constituídas, as formas dadas ao homem. A linha molecular também chamada de linha de segmentação maleável traça pequenas modificações, fazem desvios. Implicam um plano invisível, um plano sensível, no qual o que se passa nesta segunda espécie de linha são devires, micro devires, que não tem o mesmo ritmo que nossa história.

A terceira espécie de linha, chamada de linha de fuga proposta como a mais estranha delas, é aquela que se traça como se algo nos levasse tanto através dos segmentos como através de nossos limiares em direção ao desconhecido, ao imprevisível. É uma linha abstrata de onde as outras advém.

Deleuze dirá que é sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não porque se imagina ou se sonha, mas porque se traça algo real e compõe-se um plano de consistência. É importante salientar que as linhas de fuga não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, mesmo quando os outros seguimentos endurecem para vedá-las.

A linha de fuga ou de ruptura conjuga todos os movimentos de desterritorialização, precipita seus quanta, arranca suas partículas aceleradas que entram em vizinhança umas das outras, leva-as para um plano de consistência ou uma máquina mutante e depois, uma segunda linha molecular, onde as desterritorializações são apenas relativas, sempre compensadas por reterritorializações que lhes impõe voltas desvios equilíbrio e estabilização;enfim, a linha molar a segmentos bem determinados, onde as reterritorializações se acumulam para construir um plano de organização(...)Três linhas sendo uma linha nômade, a outra migrante, a outra sedentária.

Tedesco (2008) faz referência a esta análise, lembrando que o autor utiliza os movimentos das marionetes de Kleinst para explicar o caráter movente da realidade, mostrando como são suficientes três tipos de movimentação para seu manejo. Verifica-se que em um destes movimentos reconhecemos as ações molares, aquelas que contam o enredo, correspondentes ao plano da realidade que é apreensível pela quantificação ou inclusão em algumas categorias. No outro, encontramos movimentos moleculares, sem ligação direta com a história, mas que comportam os movimentos do seu corpo, membros que se esticam ou dobram, gestos que não estão necessariamente subordinados ao que se conta, são os movimentos imprevistos, que se dão ao acaso. O terceiro grupo de movimentos, que aqui de fato nos interessa, que se compõem apoiados numa linha que se desloca de acordo com seu centro de gravidade. Este movimento ou linha mestre, de apoio aos outros dois, apresenta duas propriedades, uma de não corresponder a nenhum dos cordões e outro de ser justamente onde incide o poder de criação, revelando a singularidade da movimentação. Os dois movimentos, que podemos articular com os planos molar e molecular, quando acrescidos pelo movimento mestre ganham um a mais, para além da simples manipulação. Atravessados pela terceira linha produzem desvios inesperados, irregularidades que conferem sua grandeza maior, o estilo.

A experiência artística pode nos auxiliar a pensar nas múltiplas possibilidades que se apresentam quando refletimos sobre o que nela comparece como afirmação de uma diferença, afirmação daquilo que há de singular na forma com que o corpo se configura.

Trazer para a clínica esta perspectiva implica constatar que, naquilo mesmo onde Reich afirma que o corpo congela, na couraça que lhe dá forma, se caracteriza simultaneamente o que o corpo também traz de único, em resultantes múltiplas que nunca podem ser reduzidas a uma categoria universal, mas sim como um modo de existência.

Se pensarmos também na dimensão positiva da couraça, posto que não é possível um ser humano sem ela já que é o que lhe confere a forma, então trará em si também a mesma dimensão de singularidade, da variação na qual se entrelaçam linhas que compõem a vida, tal como as linhas do teatro de marionetes de Kleinst analisada por Deleuze, que se aproxima da arte da dança.

Neste aspecto, podemos pensar também o corpo como lugar de resistência, ilustrando tal proposição, através da história da dança, no desvio que se opera com a revolução desencadeada por algumas bailarinas que rompem com a estética do ballet clássico, sempre com uma representação etérea e assexuada que constituía o ideal de feminilidade.

Néri (2005) nos lembra que surgem as bailarinas do expressionismo, entre as quais Loie Fuller, que expressava um erotismo luminoso. Agora o corpo pode também ocupar certo lugar de resistência, como foi o de Isadora Duncan, quando deflagra em seu movimento inovador, uma denúncia do aprisionamento e dos estereótipos que o formatam e que nos convida a pensar no papel da dança como arte e força expressiva.

Duncan funda a dança moderna, libertando-a da técnica imposta pelo clássico, mostrando com os pés descalços e túnicas leves a expressão de uma sensualidade que antes não era revelada. O corpo que dança, busca o movimento, o faz como um reflexo de um desdobramento das marcas do inconsciente e vem atravessando a história, com seu marcos e expoentes, também em direção a construção de uma singularidade, tal como Isadora.

Ela buscava movimentos purificados e soltos, tornando o corpo da bailarina mais articulado e natural, em resposta a tradicional referência que era no século XVIII o ballet clássico, tradição europeia, espetáculo dos nobres. Corpos disciplinados moviam-se obedecendo a uma lógica de poses, onde os instantes eram congelados sempre objetivando a perfeição e o domínio do corpo e do aparato muscular.

A beleza estava diretamente ligada à perfeição com que se encarnava o movimento. Havia um objetivo ou modelo a ser alcançado, onde a marca do esforço se via entremeada de uma fisionomia plácida, temas românticos e espetáculos singelos.

Isadora Duncan propunha uma arte libertária, suas coreografias refletiam questões diretamente relacionadas às urgências de seu tempo, como os traumas gerados pela guerra, a aproximação da natureza e a condição da mulher, questões ainda hoje bastante relevantes. Acredita-se que ela devolveu à dança a atenção e o prestígio no rol das artes, transformando-a em uma possibilidade de reflexo artístico do nosso tempo.

Também Merce Cunningham, coreógrafo que efetuou uma ruptura radical com relação aos princípios miméticos presentes no balé clássico e na dança moderna, cria uma dança investigada a partir de conceitos fundamentais da filosofia deleuzeana, tais como a teoria das séries, o evento, o virtual e o plano de imanência. E diz:

(...) Ao pensar a cena segundo a imagem da perspectiva do Renascimento por ele conservada, o balé clássico mantinha uma forma linear no espaço. Tendo raízes como o Expressionismo Alemão e os sentimentos pessoais de vários pioneiros americanos, a dança moderna americana quebrou o espaço em vários fragmentos, ou freqüentemente, simplesmente, em colunas estáticas dividindo a cena, sem nenhuma relação efetiva com o espaço mais vasto da área cênica, obtendo simplesmente formas que, por sua ligação no tempo, constituíam, uma figura. Certas concepções do espaço vindas da dança alemã abriram o espaço, deixando um sentimento momentâneo de conexão com ele, mas muito freqüentemente o espaço não era suficientemente visível, porque a ação física era bastante leve, como uma atmosfera sem terra, ou um céu sem inferno.²⁴

Para ele, dançar seria algo diverso, seria criar a imanência. Só o gesto dançado dá o sentido; a emoção nasce do movimento, e não o contrário; o sentido não é transcendente ao movimento e à vida. O sentido do movimento é aqui, o próprio movimento do sentido. Podemos pensar numa ruptura, onde o movimento não é determinado pelo fora, nem pelo

²⁴ Conferência apresentada na Universidade de Columbia, Nova Iorque, Abril de 1999, em seminário sobre Gilles Deleuze e Felix Guatarri).

dentro, mas uma unidade que pertence a um plano virtual, invisível, que funda a percepção dos movimentos. Susanne Langer descreve esta percepção:

A dança é o surgimento de uma presença (an appearance); se se quiser, uma aparição. Ela brota do que os bailarinos fazem, mas é algo mais. Olhando uma dança você não vê o que está fisicamente diante de você – pessoas fazendo giros rápidos ou torcendo seus corpos; o que você vê é o desdobramento de forças interagindo, graças as quais a dança parece se elevar, ser carregado, ser atraída, terminar ou se diluir, seja um solo ou um grupo, rodopiando como o fim de uma dança de bruxas, ou lenta, centrada, e única em seu movimento. Um corpo humano colocou o jogo inteiro de seus poderes misteriosos diante de você. Mas esses poderes, essas forças que parecem se efetuar na dança, não são as forças físicas dos músculos do bailarino que de fato são a causa destes movimentos. As forças que parecemos perceber da maneira mais direta e convincente são criadas pela percepção e não através dela. O que existe unicamente pela percepção, e não desempenha nenhum papel usual e passivo na natureza, como fazem os objetos, é uma entidade virtual. Ela não é irreal; onde quer que você seja confrontado com ela, você a percebe realmente, você não sonha ou imagina que a percebe.

Estas idéias nos lançam numa perspectiva onde o movimento se coloca como algo não aprisionado a um modelo, mas fundado numa experiência, numa sensação de órgão.

Laban (1975) menciona um limiar da dança:

(...) é o precipício que separa a região do silêncio da vida de todos os dias (Laban 1975:170). (...) Por trás dos acontecimentos exteriores da vida, o dançarino percebe o mundo completamente diferente. Há por trás de todo acontecimento e de toda coisa, uma energia que dificilmente pode se dar nome. Uma paisagem escondida e esquecida. A região do silêncio, o império da alma, em seu centro, há um templo em movimento. As mensagens vindas desta região do silêncio são no entanto, tão eloqüentes! Elas nos falam, em termos sempre cambiantes, de realidades que são para nós, de uma grande importância.(...) O dançarino vive uma corporeidade saturada, satura de forças sua vida, seu corpo humano.

Poderíamos dizer, de acordo com Isabelle Launay, que o bailarino se faz multidão, se carrega na multidão como uma pilha, imenso reservatório de eletricidade. Para tanto, é necessário se dedicar a esquecer, para se dar a chance de ver afluir as múltiplas possibilidades de sua mobilidade e conexões infinitas. Esquecer o estado presente do corpo a fim de acolher os estímulos plurais da sua memória involuntária é, precisamente, adquirir uma experiência

do movimento, um saber-sentir que não se mede a não ser pela sua eficácia sobre os nossos sentidos.

O Saber-sentir repousa sobre um não querer e um não saber, fruto de um trabalho do tempo sobre o sujeito e cujo resultado é aleatório. Este estado, no qual o dançarino dá tudo de si e perde a consciência de sua aparência exterior, Laban chama de estado de êxtase, ele se esconde na dança do homem, não provoca a consciência de nada, a não ser de existir e expulsa de si as imagens habituais do mundo.

Sueli Rolnik (1989) menciona este desdobrar-se, a partir também dos referenciais deleuzianos, numa perspectiva psíquica, mencionando que há no visível uma relação entre um eu e outros vários (não só humanos, como também as coisas), unidades separadas e independentes, mas no invisível desta subjetividade há uma textura que vai fazendo com que os fluxos se combinem a outros fluxos, somando-se e formando outras composições. E prossegue:

Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura.(...) nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, agir etc. – que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós.(...) deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização – e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência.

Entendemos então que a arte e, portanto a dança, são expressões do ato criativo, um exercício no corpo de permitir-se estranhar e abrir espaço para o surgimento de uma corporeidade deste devir.

Não é a toa que Rolnik em outro momento menciona que a subjetividade do artista suporta melhor a vertigem. Este vácuo do vir a ser, este desassossego, é um salto no vazio, semelhante à idéia, da improvisação, no sentido em que o próprio movimento do corpo e suas marcas permitem o surgimento de uma nova forma. Porém para tanto é necessário lançar-se, romper, transpor as marcas aprisionantes de nossa estrutura psíquica.

No entanto, isto que entendemos como um movimento de resistência, que comporta a existência de um novo estilo, também esta presente na própria dança clássica. Dança que buscava a simetria, caracterizando-se por uma apresentação em frente à figura do rei, versando sobre temas inexistentes no concreto, sempre referida a outro mundo, trazendo figuras como fadas, ninfas, marcadas por movimentos para a leveza e o transcendente, onde se excluía tudo que fosse da ordem do mundano. Porém nela também se verifica a emergência de uma linha abstrata de criação, sempre presente na experiência artística. Não podemos afirmar que apenas na dança contemporânea havia a presença da criação, entendendo que qualquer experiência pode tornar-se uma linha de segmentaridade dura, na medida em que se cristaliza como um novo modelo, assim como a couraça, assim como o sintoma, assim como a clínica.

Assim podemos pensar a couraça caracterológica também como resultante das três linhas no que tange ao que singulariza, como ao que se apresenta como sintoma, como duas facetas, ora se afirmando como diferença, ora como sintoma. A direção que ela determina está intimamente ligada à coagulação de um processo, que ao tornar-se estanque, congela, enquadra e limita, deixando de fluir.

Acessar o plano das intensidades é a tarefa de que nos interessa ocupar-nos, permitindo que o desejo escoe, flua em todos os tons e modulações, criando e recriando suas formas, delimitando seus territórios e se aprontando em desterritorializar-se, nunca chegando numa finalidade última, já que, sempre múltiplo, não comporta uma interioridade a ser acessada, posto que está em toda parte. À esta tarefa se mostra prestimosa a intervenção corporal, que nos empresta como no mundo da Alice de Lewis Carrol, um gosto de susto e surpresa, onde portas se fecham e se abrem, o corpo diminui e aumenta, com toda sorte das mais infinitas combinações de possibilidades. Então, nos diz Deleuze, que lá em Alice, os

corpos se misturam, mesmo as palavras se comem e apesar das profundezas, ela conquista superfícies, pois emerge, remonta e as cria.

Puros acontecimentos escapam dos estados de coisa. Não se afunda mais em profundidade, mas a força de deslizar passa-se para o outro lado, fazendo como o canhoto e invertendo o direito e o avesso. (...) Não que a superfície tenha menos não senso que a profundidade. Mas não é o mesmo não-senso. O da superfície é como a ‘Cintilância’ dos acontecimentos puros, entidades que nunca terminam de chegar nem de retirar-se. Os acontecimentos puros e sem mistura brilham acima dos corpos misturados, acima de suas ações e paixões emaranhadas. Como um vapor da terra, desprendem na superfície um incorpóreo, um puro expresso das profundezas: não a espada, mas o brilho da espada, o brilho sem espada como o sorriso sem gato (DELEUZE, 1997, p.31/32)

Deleuze mostra como Carrol faz que nada passe pelo sentido, apostando tudo no não-senso, já que sua diversidade já dá conta de todo universo, tanto de seus terrores, quantos as glórias, tais como a superfície, a profundidade, o volume ou a superfície .

Ao confundir o ser e não ser, a estória de Alice enumera os paradoxos, renovando, inventando, recolhendo ou preparando, comportando em si múltiplos devires, sendo e não sendo simultaneamente. E se “é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos.”²⁵, então Alice não é uma coisa ou outra, é uma coisa e outras tantas que ao perder inúmeras vezes seu nome, se desdobra em múltiplos eus e não eus, que tornam-se imediatamente outros, sempre inéditos, onde o eu perde sua particularidade, de forma que o singular torna-se plural.

O impessoal que Carrol apresenta se aproxima de uma idéia de dessubjetivação, onde sair de si mesmo, da sua forma habitual e familiar, possibilita articular formas porosas que nos permitem outras leituras de mundo, condição insubstituível para criação, onde visível e invisível estão entranhados.

²⁵ DELEUZE, G. A lógica do sentido;

A arte nos aproxima disso, já que surge como aquilo que resulta da experiência de um estado de dissolvência e que exemplifica o que o trabalho corporal visa fazer emergir: o vácuo do vir a ser, tal como na vivência do bailarino que experimenta o movimento inesperado ou que ainda com graça empresta singular estilo no que expressa em sua potência.

E diz a menina:

Você poderia me dizer, por favor, qual caminho devo seguir para sair daqui? - disse Alice.

Depende muito de onde você quer chegar. – disse o Gato

Não me importa muito onde...- disse Alice

Então não importa o caminho - declarou o Gato.

Desde que eu chegue em algum lugar... – acrescentou Alice, como uma explicação.

Ah, disse o Gato, é certo que chegará a algum lugar, é só caminhar o bastante (CARROL, 2007).

Numa clínica aberta ao vir a ser, partimos como Alice, sem destino, vindo de toda parte, chegando a todo o momento e seguindo viagem o tempo todo, caminhando o bastante para a velocidade de nosso passo, que, assim como nosso corpo comporta em si peso, ritmo, tamanho, intensidade e afeto que não é igual ao de nenhum outro, nem ao dele mesmo no momento anterior, num processo contínuo.

Assim, não se trata de transformar o corpo em outro, mas antes afirmar a diferença que existe nele, onde há nele que é único e singular. Talvez buscar alcançar, como Alice, o paradoxo de ser e não ser ao mesmo tempo, posto que na medida em que dirigimos o olhar para este corpo ele também começa a mudar, posto que já se diferencia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; perdemos o mundo; ele nos foi tomado. Acreditar no mundo é também suscitar acontecimentos, mesmo que pequenos, que escapem do controle, ou então fazer nascer novos espaço-tempos, mesmo de superfície e volume reduzidos... É no nível de cada tentativa que são julgadas a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. São necessários, ao mesmo tempo, criação e povo.

Esta dissertação tem como objetivo traçar um panorama da obra reichiana, pinçando nela os conceitos fundamentais, observando como os múltiplos sentidos de um discurso podem nos apontar sempre novas direções.

Deleuze nos lembra que um livro sempre transborda de si mesmo com o poder de afetar-nos e produzir múltiplos efeitos, pois ele possui bordas, limiares e infinitas reverberações. Buscamos aqui, em Reich, capturar alguns deles, no sentido de potencializar o trabalho clínico entendendo a importância da sua obra no que ela apresenta como brechas, nichos para novas conexões que a fortaleçam.

Para tanto foi preciso mostrar onde alguns conceitos apresentam na criação de alguns universais uma tendência a produção de novos modelos, ao mesmo tempo em que podem ativar poderosas forças de resistência.

Este trabalho foi feito, mostrando a contextualização histórica do trabalho reichiano e clarificando que uma das suas grandes contribuições foi trazer o corpo para a cena analítica, lá e então onde era excluído, numa valorização excessiva da primazia da linguagem.

Experimentar novas formas de subjetivação implica em apreender novos sentidos, cabendo agora restituir à palavra a possibilidade de também incidir sobre o corpo, uma vez que um e outro estão entranhados, assim como o corpo é produzido a palavra também. A palavra foi utilizada para deixar o corpo do lado, falando do corpo, mas não agia no corpo, pois dele se desconectava. Não era assim que Reich trabalhava, como levou a psicanálise às últimas conseqüências, entendia que o trabalho corporal levava também a associação e compreensão dos sentidos que se aprisionavam nos sintomas e na contenção energética, sendo sempre a palavra inserida junto ao corpo na análise do caráter.

É necessário contextualizar historicamente o surgimento destes conceitos, entendendo, como nos recorda Pacheco, que a potência da produção da psicanálise – o inconsciente - foi

pouco a pouco desviada, fazendo do corpo um terreno baldio, depositário de um sentido que lhe escapava. Reich esteve atento a este desvio e é neste momento que surge sua teoria onde reside a importância da valorização que dá ao corpo e sua introdução no setting analítico.

Ela diz:

A resistência inevitável a esta hegemonia da palavra interpretante, com suas significâncias, se apresentou progressivamente como polarização inversa: a hegemonia do corpo que, na clínica de algumas terapias, foi ganhando cada vez mais peso com prejuízo do sopro que se tornou rarefeito de verbo e carregado de oxigênio. (...) O século XXI nos convida a reunir o que ainda permanece separado: corpo e palavra.(PACHECO, 2008)²⁶

A reunião do que permanece separado, como diz Pacheco, nos leva a problematizar a necessidade de considerar o plano intensivo que os percorre, isto é, o movimento do mundo no qual a subjetividade é encarada também como movimento, processualidade cujas variações jamais se subordinam a conceitos universais.

Assim é importante ressaltar que não tratamos de abandonar totalmente a palavra, não é a nossa proposta já que, a palavra e o corpo, o dizível e indizível estão entranhados, assim o corpo é produzido social e historicamente da mesma maneira que a linguagem e ambos acabam por vezes se articulando de forma dura .

O trabalho de sensibilização corporal, necessário para o condicionamento também do bailarino, mobiliza os segmentos, propiciando uma intervenção a nível energético e maior propriocepção, assim como as técnicas corporais.

Tal reflexão nos permite, afetados pela concepção deleuziana, pensar numa clínica de orientação reichiana que busque resgatar o contato e a auto regulação, não através de técnicas que reproduzam modelos clínicos almejando o caráter genital, mas entendendo que ao alcançar certo nível de mobilidade estamos diante da possibilidade do surgimento do novo, do desvio para o inédito.

²⁶ PACHECO, Beth. *Dos poros ao sopro: a pró-cura clínica*. ANPEPP 2008.

Pensar na clínica como espaço viabilizador de encontros, aproxima nossa prática da mesma perspectiva que abarca a intervenção como política e do movimento, além do que mobiliza na segmentaridade do corpo, como intervenção, se entrelaçado com a perspectiva que buscamos no paralelo com a arte, já que ela é exemplo vivo do que produz estados de dessubjetivação.

Deleuze aponta:

Um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem.²⁷

Ao valorizarmos a importância de um estado onde o movimento flui em um continuum, tal como o bailarino que despoja-se do controle e do novo surge que da repetição, em uma nova forma, favorecemos a compreensão de que este algo se dá no corpo, ou melhor, o corpo que se adianta à racionalização pode ser similar a intervenção corporal que intencionamos no processo terapêutico.

Esta repetição na dança, ao romper-se, desencadeia um processo de criação, quase como numa espécie de vertigem, muitas vezes apenas passível de compreensão para o artista, entregue a livre expressão inconsciente em perfeita harmonia com o controle motor de seus movimentos e absolutamente despojado de um controle racional. O processo de consciência corporal alavanca uma percepção profunda de potência e limite.

Talvez neste aspecto seja necessário compreender a peculiar característica da arte, onde, segundo Deleuze, se apresenta o único lugar onde sentido e signos podem se reunir, já que os signos mundanos são vazios e pretendem substituir a ação e o pensamento valendo por seu sentido. Analisando o sistema de signos presente na obra de Proust, ele nos mostra que existem nela várias classificações de signos e a Arte seria sua mais alta espécie, ocupando um lugar de eficácia de uma total compreensão. Apenas na Arte a relação do signo com o sentido

²⁷ DELEUZE, G. Conversações : São Paulo: 34, p.15

e seus efeitos se torna mais próxima e íntima, como uma unidade final de um signo imaterial e um sentido espiritual, capaz de nos aproximar de uma acepção profunda, de um entendimento pleno onde signo e sentido estão postos um no outro

O processo criativo também se assemelha ao que busca a clínica que se desdobra diante do terapeuta na relação com o paciente que aos poucos repetindo e repetindo, vai também se despojando de antigas formas de controle e defesa, rompendo com valores aprisionantes, construindo um novo sentido, não pela racionalização ou apenas através das palavras, mas numa vivência intensiva dos afetos que o atravessam.

Se pensarmos com Reich que o corpo é moldado junto com o caráter, ancorado no aparato muscular, o corpo é lugar das marcas do poder e simultaneamente da resistência, na medida em que acessamos através do movimento um plano intensivo do corpo, que é análogo ao esquecimento, daquilo que ao passar e transformar-se dá lugar ao novo e ao imprevisível.

Entender que estas marcas não determinantes, mas que nos direcionam a novos territórios seria nossa tarefa como clínicos, utilizando a teoria como referência e ao mesmo tempo dialogando com a filosofia, nos permitiria compreender que normatizar este corpo ou reduzir os sintomas a causas ou representações seria uma clínica da forma e não da intensidade. Terapeuta e cliente se deparam a cada momento com o imprevisível ou com a repetição, ao valorizarmos o primeiro entendemos que a segunda possui sempre nela mesma, em seu impulso, uma possibilidade de deslocamento.

Referências Bibliográficas

ARTAUD, A. *Escritos de um louco*. Tradução, seleção e notas por Cláudio Willer, LePM Editores Ltda, 1983.

BENEVIDES, Regina e PASSOS, Eduardo. *A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v.16, n.1,2000.

CANETTI, Elias. *Massa e Poder*.

CARROL, L. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

CLASTRES, P. *A Sociedade contra o estado: pesquisas de antropologia política*: tradução de Theo Santiago, Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.

COIMBRA, Cecília. *Guardiões da Ordem*.

DADOUN, Roger. *Cem flores pra Wilhelm Reich*, São Paulo: Editora Moraes, 1991.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*; tradução de Peter Paul Pélbart.- São Paulo: Ed.34, 1997.

DELEUZE, G. A lógica do sentido.

_____. *O anti-édipo capitalismo e esquizofrenia*. Rio, Imago, 1976.

_____. *Nietzsche*: Lisboa: 70, 1965, trad. Alberto Campos.

_____. *Espinosa – Filosofia Prática* – São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio, 1976, trad. Edmundo F. Dias e Ruth J. Dias.

_____. *Proust e os Signos* – 2ed.- Rio de Janeiro: Forense universitária, 2006.

DELEUZE, G. Conversações : São Paulo: 34, p.15

DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol.3. Rio de Janeiro:34

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire, *Diálogos – Escuta...*

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *A história da sexualidade II – O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

HIGGINS, M. & RAPHAEL, C.(orgs), (1979). *Reich fala de Freud* . Lisboa: Moraes.

(Original publicado em 1967).

J. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. Santos: Livraria Martins Fontes, 1967.

LABAN, 1975.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

NAVARRO, F. *Somatopsicodinâmica das biopatias-interpretação reichiana das doenças com etiologia desconhecida*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1991.

NERI, Regina. *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade* - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005 p.248.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. S. Paulo: Brasiliense, 1987, trad. Paulo César de Souza.

PACHECO, Beth. *Dos poros ao sopro: a pró-cura clínica*. ANPEPP 2008.

RAUTER, Crisitna. *Produção Social do Negativo: notas introdutórias*.

REICH, W. *Escuta Zé Ninguém*- 2ª Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Análise do Caráter* – 3ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

1 e 2 entram?

_____. *O Assassinato de Cristo: volume I de A Peste Emocional da Humanidade / Wilhelm Reich* – tradução Carlos Ralph Vianna; 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *A Função do Orgasmo* – São Paulo : Brasiliense, 2004.

_____. *O Éter, Deus e o Diabo : A superposição cósmica / Wilhelm Reich*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *O combate sexual da juventud*. 1ª Ed. – São Paulo: Epopéia, 1986.

_____. *Paixão de Juventude – uma autobiografia 1897 -1922* – São Paulo: Brasiliense, 1996.

REICH, Eva. *Energia Vital pela bioenergética suave*. - São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

MATTHIESEN, S.Q. *Organização Bibliográfica da obra de Wilhelm Reich – bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento* – São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

NAVARRO, F. *Somatopsicodinâmica das biopatias – interpretação reichiana das doenças com etiologia desconhecida* – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, trad. Mário da Silva.

_____. *Genealogia da Moral*. S. Paulo: Brasiliense, 1987, trad. Paulo César de Souza.

ORLANDI, L.B.L. “*Corporeidades em minidesfile*”. Texto disponível no site <http://www.alegrar.com.br>, 17 págs.

ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental – Transformações contemporâneas do desejo* – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

TEDESCO, Sílvia. *A cartografia como metodologia quantitativa – apreendendo a qualidade intensiva da realidade*. ANPEPP 2008.

WAGNER, C.M., *Freud e Reich – continuidade ou ruptura?* – São Paulo: Summus, 1996.

ZOURABICHVILI. *O vocabulário de Deleuze*, RJ: Relume Dumará, 2004.